

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO
RECURSO NA FORMAÇÃO DE LEITORES:
Projetos Permanentes e Gestão Profissional
na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe
no período de 2007 a 2018**

Claudia Teresinha Stocker
Janaina Fialho



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO NA FORMAÇÃO DE LEITORES:

Projetos Permanentes e Gestão Profissional
na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe
no período de 2007 a 2018

BIBLIOTECA INFANTIL

AGLAÉ FONTES DE ALENCAR

SECRETARIA DE ESTADO
DE CULTURA



GOVERNO DE
SERGIPE
PRESENTE E FUTURO



**Claudia Teresinha Stocker
Janaina Fialho**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO
RECURSO NA FORMAÇÃO DE LEITORES:
Projetos Permanentes e Gestão Profissional
na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe
no período de 2007 a 2018**



Aracaju
2019

© Copyright 2019 by Claudia Teresinha Stocker e Janaina Fialho

Editoração/Capa
Infographics Gráfica & Editora — Joelma Silva

Imagens
Arquivo da autora

Gravuras Capa
Valmir Ramos

Revisão
Christiane Almeida

Impressão



Infographics Gráfica & Editora

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, por qualquer meio, processo ou finalidade comercial, constitui violação dos direitos autorais (Lei 9.610/98).

Catálogo – Claudia Stocker – CRB 5/1202

S864c Stocker, Claudia Teresinha

A contação de histórias como recurso na formação de leitores: projetos permanentes e gestão profissional na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe no período de 2007 a 2018/Claudia Teresinha Stocker; Janaina Fialho. - Aracaju: Infographics, 2019.

108p. il. 21 cm.

ISBN: 978-85-9476-197-2

1. Contação de Histórias 2. Biblioteca Pública Infantil
3. Gestão Profissional 4. Formação de Leitores
I. Título II. Claudia Teresinha Stocker III. Janaina Fialho
IV. Assunto

CDU 37.41 (813.7)

PREFÁCIO

A bibliotecária Cláudia Stocker brinda-nos com uma obra única, decorrente da sua experiência cotidiana na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe e da parceria profícua com a professora Dra. Janaina Fialho, no mestrado profissional em Ciência da Informação da Universidade de Sergipe. Temos aqui a medida exata entre teoria e prática para inspirar a todos que acreditam na importância da leitura, como fundamento do aprender a aprender.

Sabemos da importância da contação de história para as crianças, jovens e, também, adultos. Por meio das histórias, aprendemos a refletir e a lidar com os desafios da vida e as constantes mudanças da sociedade contemporânea, mas ainda adquirimos habilidades de compreensão, de concentração e amplificação do vocabulário, dentre outras. Também não é possível deixar de destacar que a leitura fomenta a curiosidade, motor da aprendizagem, como afirmava John Dewey. Então, uma história se enrola na outra e novos fios se entretecem e novas descobertas emergem.

Os pesquisadores da área recomendam iniciar as atividades de contação de histórias na mais tenra idade, ainda no seio

da família. No entanto, além da família é preciso que as escolas, universidades, editoras e todos os tipos de Bibliotecas, em especial, as públicas e escolares também se engajem em programas de formação de leitores. Só com um trabalho participativo e cooperativo da sociedade, poderemos formar leitores mais críticos e letrados em informação.

A referida obra apresenta breve revisão sobre os diversos tipos de gêneros literários orais, que podem ser usados na contação de história. Em seguida, trata do papel fundamental do mediador, que deve conhecer as histórias adequadas a cada faixa etária e também as técnicas de encantamento do público, encontrando o estilo de contação mais adequado ao seu perfil.

A contribuição das bibliotecas públicas como agentes de formação de leitores nos mostra como elas podem transformar a vida de pessoas por meio das leituras, das atividades culturais e da aprendizagem. Neste contexto, as autoras apresentam o percurso histórico da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe, as atividades de contação de histórias e a contribuição dos agentes mediadores.

Mais do que um relato de experiência profissional, é um relato de vida, de transformação de pessoas. As autoras mostram que há muitas formas de participar desse grande projeto de formação de leitores do Brasil. Por isso, precisamos ler com atenção, reler, compartilhar e, acima de tudo, nos transformamos em instrumentos de estímulo à leitura. Fazemos votos que esta obra seja bem aproveitada para inspiração de programas de leitura e na formação de contadores de história.

Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque
Profª. Universidade de Brasília

APRESENTAÇÃO

Esta obra, fruto do trabalho desenvolvido no mestrado profissional em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, aborda de maneira iluminada os projetos de contação de histórias desenvolvidos na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe no período de 2007 a 2018, sob a gestão da bibliotecária Cláudia Stocker. É destinada a todos os sergipanos, especialmente aqueles que se interessam pela memória, cultura e educação no estado. É uma produção de inegável valor à memória cultural, à medida que recupera e não permite cair no esquecimento os acontecimentos importantes que deram vida àquele espaço frutífero de sonhos e descobertas que, com certeza, marcou profundamente a vida de todos os seus frequentadores: alunos, professores, estagiários, contadores de histórias e todos os profissionais que ali atuaram. As bibliotecas públicas têm profundo valor para os estudantes; espaços de ludicidade e experiências gratificantes para professores e alunos de todas as classes sociais, principalmente aqueles oriundos de escolas públicas, desprovidos, muitas vezes, de equipamentos culturais de lazer e aprendizado. Ressalta-se o caráter peculiar da biblioteca infantil que, muitas vezes, exerce o papel da biblioteca escolar em nosso país, já que na

maioria das escolas ela inexistente ou funciona precariamente. Parabéns à bibliotecária gestora Cláudia Stocker e sua equipe pela iniciativa e por todos os anos de dedicação à frente da Biblioteca. A qualidade do trabalho desenvolvido e seus resultados demonstram a relevância social do bibliotecário, sua real contribuição para a formação de cidadãos! Uma boa fruição de leitura!

Janaina Fialho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Origem da Oralidade Narrativa e os Contadores de Histórias	20
Gêneros Literários Voltados para a Infância.....	29
Poesia e Parlenda.....	29
Contos de Fadas e Contos Populares.....	33
Contos de Perrault, de Grimm e de Andersen: breves considerações	35
O Conto Popular	39
Mitos	41
Fábulas	42
Lendas.....	44
A MEDIAÇÃO DA LEITURA	47
O Contador de Histórias	53
A Biblioteca Pública Infantil e seu papel na formação de leitores	58
BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL DE SERGIPE: BREVE PERCURSO HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO	67
Projetos permanentes desenvolvidos.....	70
Estatísticas de uso da biblioteca.....	73
Ex-estagiários.....	77
Aprendizado adquirido e sua interferência na vida profissional	77
Fatos marcantes para os ex-estagiários.....	82
Contadores de Histórias	85
Professores frequentadores	89
Algumas considerações	93
Referências	97
Imagens diversas da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe.....	102



INTRODUÇÃO

As ações que estimulam o hábito da leitura nos equipamentos culturais, principalmente em bibliotecas públicas, o conhecimento dos diferentes tipos de fontes informacionais e a forma como esta leitura é apresentada para a criança, são fatores que influenciam o aprendizado no decorrer da vida. Ler e contar histórias são formas de desenvolver o gosto e o hábito da leitura, de instigar a fantasia que desperta o universo literário dos contos na infância, incentivando, desta forma, aspectos que dizem respeito ao seu potencial criativo e crítico.

Assim como se refere Machado (2004), os contos milenares são guardiões de uma sabedoria que atravessa gerações e culturas. São personagens que ultrapassam obstáculos e provas, enfrentam o medo, o fracasso, encontrando o amor, a tristeza e a alegria, a morte, a felicidade, para se transformarem ao final da história em seres diferentes e melhores do que no início dos contos.

A contação de histórias é uma arte milenar ligada à essência do ser humano, pois as narrativas tradicionais expressam através do imaginário as verdades mais profundas da vida. As histórias têm poder transformador e despertam para o universo do era uma vez...e viveram felizes para sempre. Neste trabalho, procurou-se buscar referências em grandes nomes da Literatura Infantil, dando ênfase ao trabalho dos Irmãos Grimm, na Alemanha; de Hans Christian Andersen, na Dinamarca, Perrault, La

Fontaine e Esopo, que são referências em todo o mundo, a base e o início da propagação dos contos e das fábulas que encantam adultos e crianças até hoje. Um estudo que fortalece o interesse renascente pelo mundo dos contos de fadas ou da literatura maravilhosa dos mitos, arquétipos e símbolos que, surgindo na origem dos tempos, transformou em linguagem as “mil faces” da aventura humana e a eternizou no tempo.

Quando se ouve um conto literário, tem-se uma experiência única, pois cada um de nós, no instante da narração, faz sua construção no imaginário. Essa construção pode ser organizada fora do tempo da história cotidiana vivenciada por nós, no tempo do “era”. Para Machado (2004), a história só existe quando é contada ou lida e se atualiza para cada ouvinte ou leitor. “Era uma vez” quer dizer que a singularidade do momento da narração unifica o passado mítico – fora do tempo – com o presente único – no tempo – daquela pessoa que a escuta e a presentifica “e viveram felizes para sempre”, que nos faz acreditar que chegou ao final da história.

A iniciação na tenra idade, para se criar o gosto e o hábito da leitura no público infantil, ajuda a vencer a problemática dos estudantes que não gostam de ler, pois a leitura é fundamental no processo de desenvolvimento da criança. O gosto literário da criança pode ser estimulado desde a primeira infância (0 a 6 anos), com brincadeira através de livros sonoros e táteis. A criança nesta fase é muito visual e cores e formas têm o poder de atraí-las pela ludicidade. É neste período em que o ser humano se desenvolve psicologicamente, envolvendo graduais mudanças no seu comportamento e na aquisição das bases da sua personalidade.

As crianças que não leem, não ouvem ou não enxergam, e até mesmo aquelas que não têm acesso aos livros, não podem ficar alheias ao universo literário. É em ambientes como bibliotecas, livrarias ou até mesmo em casa, que meios de as inserir no contexto literário poderá existir, seja através da leitura de um livro com sons e imagens ou através da contação oral de uma história. A leitura inclusiva deve fazer parte da vida cotidiana das crianças com deficiência sempre. Segundo Ferreira (2007, p. 9), o Referencial Curricular da Educação Infantil diz que “a leitura de histórias é um instrumento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu”.

Muitas experiências em bibliotecas, salas de aula, praças, hospitais, creches, asilos e rodas de leitura nos mostram que a tradição oral tem um grande papel de disseminadora de informação, cultura e conhecimento. Desta forma, além de acreditar no poder da história, na magia e atração que exerce o contador sobre seus ouvintes, muitos estudos relatam sua importância no desenvolvimento infantil, por ser encantadora, recreativa, educativa, instrutiva, afetiva – amplia os horizontes, estimula a criatividade criando hábitos, desperta inúmeras emoções e valoriza os sentimentos - e física, pois ajuda e é muito importante na recuperação de crianças enfermas e hospitalizadas. Vale salientar também que, estimula a socialização, desenvolve a atenção e a disciplina.

Quem não ouviu falar em Sherazade, Dona Benta e Tia Nastácia? Personagens que personificaram a figura dos contadores de histórias na literatura infantil, seres místicos capazes de

seduzir a plateia pela arte da palavra transmitida através da voz suave e dos gestos. Em meio a tantas diversidades tecnológicas, este trabalho de pesquisa se faz necessário para mostrar que a tradição oral ainda é uma forma de estimular a sensibilidade das crianças, seja em escolas, bibliotecas, hospitais, ou até mesmo em casa, onde quer que elas possam alimentar sua imaginação, pois acredita-se que a liberdade de imaginar que as histórias oferecem seja um dos fortes motivos de prazer e de satisfação que elas proporcionam.

Vale esclarecer também que a oralidade não despreza a escrita, e sim, uma forma enriquece e complementa a outra. Imagina-se que a história narrada oralmente pode ser lida, dramatizada, ilustrada, filmada, ou seja, representada de várias maneiras que dialoga com as várias linguagens culturais. Quanto mais formas são dadas ao lido, mais capacidade de interpretação e compreensão podem ser alcançadas pelos leitores.

O presente livro busca entender porque na contramão da aceleração tecnológica dos dias atuais, ainda é possível contar com espaços, a exemplo das bibliotecas, onde se possa ouvir e contar histórias, e como este tipo de vivência literária influencia na formação de novos leitores, criando o gosto e hábito da leitura naqueles que desde cedo, já estão em contato com o mundo fantástico dos contos de fadas. É importante destacar o papel do profissional bibliotecário neste processo enquanto mediador da informação e da leitura, enquanto mediador cultural, além do seu papel como gestor de espaços que desenvolve projetos voltados ao desenvolvimento da cultura na infância. É por isso que o bibliotecário de unidade informacional infantil tem uma função primordial na transformação destes espaços, tornando-os apra-

zíveis, alterando quadros negativos, superando dificuldades, pois esta contribuição é imprescindível para a promoção do gosto em frequentar bibliotecas, principalmente as públicas que, ainda hoje, carregam o estereótipo de depósito de livros.

Segundo Souza e Dupas (s.d., n. p.), “a história contada, em suas diversas modalidades, desde a encenação teatral até o uso de pequenos recursos visuais, como indumentária de personagens e objetos referentes ao tema, tem sido oferecida como atividade lúdica”. Ao ouvir histórias narradas por contadores que transformam palavras e gestos em pura magia e encanto, torna-se possível discorrer sobre o assunto e mostrar como o despertar para a leitura pode ser iniciado na criança através da tradição oral.

Citaremos aqui a forma de trabalhar com projetos permanentes em biblioteca pública focando, principalmente, naquela que tem como público alvo as crianças. Através do exemplo da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe em Aracaju, destacamos a atuação do profissional bibliotecário enquanto técnico-gestor, já que a mesma, ao longo de 11 anos, desenvolveu diversos projetos que deram certo, alavancando sua atuação junto a comunidade e tornando-a referência no Estado de Sergipe.

A proposta da Biblioteca Infantil de Sergipe neste período foi oferecer múltiplas possibilidades de leitura, entretenimento e pesquisa ao público infantil e juvenil, levando-os a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo; bem como contribuir para a formação de leitores, incentivando o hábito de leitura entre as crianças, a fim de estimular a imaginação criadora e a prática do exercício da cidadania. Com atividades desenvolvidas não só para crianças e adolescentes, mas

para a sociedade como um todo, e com o objetivo de aproximar a criança do livro e da leitura, a biblioteca recebeu ao longo de 11 anos mais de 60 mil pessoas entre turmas de escolas públicas e privadas da capital e interior do estado, creches e abrigos, crianças especiais e de entidades filantrópicas, comunidade em geral, para atividades de incentivo a leitura, oficinas, exposições, contações de histórias, teatro, recreação, entre outras.

A contação de histórias tornou-se a atividade mais procurada na Biblioteca Infantil e com esse fim, contadores de história passaram a ser convidados, frequentemente, para participar das atividades. Em cada momento das contações, observava-se nas crianças os olhinhos fixos nos personagens, a magia que eles exercem sobre a plateia que, atenta, viajava pelo mundo da imaginação através dos contos e das histórias.

Segundo Gustavo Muniz, contador de história que participou de algumas atividades na Biblioteca, em entrevista concedida à *Aperipê TV* (Sergipe):

A criança por ser um ser essencialmente sensível, não está ainda com a mente repleta de pensamentos de competição, do egoísmo que caracteriza a sociedade hoje. E para o contador é um momento de retornar a infância, nos momentos de inocência e pureza, que tanto servem para nos guiar na vida, e servir de referencial para os valores que pretendemos cultivar e aprimorar cada vez mais (APERIPÊ TV, 2007)¹.

¹ Transcrição da fala de Gustavo Muniz, contador de histórias de Minas Gerais em entrevista à *TV Aperipê*. (*Jornal Aperipê*) na participação da primeira contação de histórias realizada pela Biblioteca Infantil em 2007.

Já a escritora Maria Telma Costa, de Sergipe, tornou-se uma contadora de história no momento em que sentiu a necessidade de passar oralmente suas histórias para as crianças que não sabiam ler. Em programa especial gravado pela Aperipê TV (Sergipe) sobre contação de histórias, Telma disse: “Primeiro eu comecei lendo o livro, mas descobri que a leitura cansa a criança, então procurei ampliar meus conhecimentos na arte de contar histórias, usando outros recursos para encantar as crianças”².

Foi desta forma que as atividades foram desenvolvidas na Biblioteca Infantil, ao longo de 11 anos (2007-2018), atingindo cada vez mais crianças da capital e interior do Estado com sede de imaginação e fome de leitura. É através dos livros e das contações que, segundo os professores, cidadãos críticos, conscientes e formadores de opinião serão formados, abrindo horizontes ao desafio de ir além do real, até ao castelo encantado onde habitam os seres mais incríveis que se queiram criar.

Cavalcanti (2004) demonstra que, ao ouvir ou ler uma história, a criança vai dando corpo à fantasia, criando imagens que não têm forçosamente de ser iguais às do colega. E porque é que ela não pode inventar um mar cor-de-rosa, uma árvore azul com maçãs amarelas, um céu colorido ou um bicho papão bonzinho, barrigudo, com olhos grandes e voz doce? O adulto muitas vezes tem a tendência de impor à criança a sua visão de mundo, esquecendo que ela é bem diferente.

Segundo a professora, escritora e folclorista sergipana Aglaé D’Ávila Fontes de Alencar em entrevista à Aperipê TV: “o

² Especial Era uma vez gravado pela Aperipê TV com a escritora e contadora de histórias Maria Telma Costa integrante do Grupo Prosarte de Contadores de Histórias. Aborda a temática em bibliotecas e hospitais, tendo como cenário a Biblioteca Infantil.

escritor de literatura infanto-juvenil tem que ter uma identidade própria, compreender muito como é o imaginário da criança para poder escrever para ela”. (Era uma Vez, Especial Aperipê TV, abril 2009). E continua na mesma entrevista:

O livro que é bom serve para o adulto e serve para a criança. Mas têm coisas que se deve escrever ,especificamente, para crianças por atender estas características de desenvolvimento imaginário, de ser uma leitura mais provocativa, pois é um começo de conquista. Ela tem que ter um prazer, provocar uma descoberta, provocar este imaginário na criança para que ela fique sendo um leitor permanente, porque senão será apenas uma fase passageira (Especial Era uma Vez, Aperipê TV, abril 2009).

Desta forma, percebe-se que para se conquistar a criança e transformá-la em um futuro leitor é preciso que se tenha uma relação prazerosa com o livro infantil, na qual o imaginário se mistura numa realidade única, e a leve a vivenciar as emoções em parceria com os personagens das histórias, introduzindo assim situações da realidade. Assim, Abramovich enfatiza:

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar no coração. Pois é ouvindo, sentindo e enxergando

com os olhos da imaginação que é possível descobrir o eu interior (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

As ações que promovem o gosto e hábito da leitura, tornam o espaço valorizado pela comunidade. Sendo assim, acredita-se ser através de projetos e ações de incentivo à leitura em bibliotecas, que se pode desde cedo despertar nas crianças um interesse maior para explorar o mundo mágico da leitura, pois a literatura infantil é fundamental para a formação da criança. Ouvindo histórias, crianças e adultos podem apresentar reações que manifestam seus interesses revelados ou inconscientes e conseguem vislumbrar nas narrativas, soluções que amenizam as tensões do dia-a-dia. Este poderá ser o primeiro passo para que mais tarde a criança se torne um grande leitor, amante dos livros e da leitura.

Ter a biblioteca pública como força educativa aliada à busca do conhecimento e como ferramenta importante no processo de formação de leitores é desafiador e ao mesmo tempo demonstra o poder que o acervo literário tem de despertar no usuário o desejo de descobrir o que há no interior de cada livro, decifrar cada linha e cada parágrafo, folhear páginas e páginas, mergulhar nas fantasias e imagens, que geralmente existem nas crianças desde a mais tenra idade.

O escritor Monteiro Lobato, precursor da literatura para crianças no Brasil, preconizou em vários momentos de seus textos teóricos o contato das crianças com o livro desde a primeira infância e que a falta de interesse de muitos adultos pela leitura, especialmente a literária, tem origem exatamente nesse momento da formação, porque, possivelmente, não lhes foi concedido

na infância o encontro com livros que despertassem a imaginação e os cativassem para a experiência leitora.

Existem muitas barreiras impostas à leitura, porém ao exercitar atividades lúdicas como a contação de histórias que desperte na criança a vontade de explorar o desconhecido através da imaginação dos contos, será possível formar uma geração de pequenos leitores, preparados para enfrentar o mundo no qual estão inseridos. Considerando a relevância da literatura infantil no processo de letramento das crianças e a contação de histórias como ferramenta neste processo, torna-se imprescindível reconhecer o papel das bibliotecas enquanto provedoras destas ações. Daí a importância de mostrar o papel do profissional bibliotecário enquanto mediador das ações culturais em bibliotecas públicas onde a contação de histórias está presente, além de mostrar a importância de se manter uma biblioteca viva e atuante, trabalhando em prol da comunidade.

Origem da Oralidade Narrativa e os Contadores de Histórias

Sabe-se que o conto da literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de histórias, que muitas vezes incluía elementos pessoais ao conto, e com isso o transformava em matéria viva adaptada às necessidades dos seus ouvintes. A contação de histórias vem sendo praticada através da tradição oral desde os primórdios da humanidade. Foi se aperfeiçoando com o tempo, tornando-se em certo período, uma espécie de arte. Surgiu da necessidade da comunicação entre os homens, de trocar experiências, e de transmitir a cultura e os costumes do cotidiano. Os camponeses e os navegantes foram

os primeiros mestres nesta arte, reunindo saberes de terras distantes com as tradições locais, criando as mais belas histórias que existem hoje, como os contos de fadas.

A narrativa mantém sua sabedoria mesmo com o passar do tempo, sofreu transformações de acordo com a cultura e a época em que foi contada, mas sua essência continua a mesma. Entretanto, a prática da narração de histórias, como forma de conhecimento, desencadeia o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da manipulação crítica e criativa da linguagem oral. E isso é possível em todas as fases de desenvolvimento do ser humano, como leva a refletir Nelly Novaes Coelho:

O poder de resistência da palavra prova de maneira irrefutável que a comunicação entre os homens é essencial à sua própria natureza. O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros, certa experiência sua, que poderia ter significação para todos (COELHO, 2003, p. 13).

As lembranças e as impressões da infância acompanham as pessoas por toda a vida: a história contada antes de dormir, as férias na casa da vovó e do vovô que contavam “causos”³, as rodas de bate-papo com os amiguinhos para contar piadas e lendas de terror que causavam medo na hora de dormir, a leitura gostosa e descontraída à sombra de uma árvore ou à beira do rio são fatos que fazem viajar por épocas que já se foram. Histórias sem texto escrito e livros de pano para bebês; narrativas curtas para

3 Causo é uma história (representando fatos verídicos ou não), contada de forma engraçada, com objetivo lúdico. São conhecidos também como causos populares e já fazem parte do folclore brasileiro.

crianças pequenas, com bichinhos, histórias de repetição e movimento para crianças da fase mágica de encantamento, dos contos de fadas, das aventuras, ação e amor para meninos e meninas na pré-adolescência e as engajadas com o universo, com os problemas sociais, para adolescentes que sonham em mudar o mundo.

Os contos de fadas podem falar de muito perto dos sentimentos mais secretos (CAVALCANTI, 2004). O que é dito pelas histórias dos contos de fadas, segundo Cavalcanti (2004, p. 44), “surge como marca impressa no registro do que somos enquanto caminhantes no mundo, como também extrapola para aquilo que em nós faz aliança com o inconsciente coletivo”. Contar histórias para crianças vai muito além de diverti-las porque toca em questões essenciais da existência.

É através dos contos de fadas que é possível direcionar a criança para a descoberta de sua própria identidade e também se sugere as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Segundo Silveira:

Eles alimentam a imaginação e estimulam as fantasias, pois nem todos os nossos desejos podem ser satisfeitos através da realidade. Daí a importância da fantasia como recurso adaptativo. Na seleção de histórias para serem oferecidas na hora do conto, é importante incluir contos de fadas (SILVEIRA, 1996, p. 12).

A leitura, além de despertar na criança o gosto pelos bons livros e pelo hábito de ler, também contribui para despertar a valorização das coisas, desenvolver suas potencialidades, estimular sua curiosidade, inquietar-se por tudo que é novo, ampliar seus

horizontes e progredir (MESQUITA, 2011). A atividade de ler histórias para crianças em salas de aula, bibliotecas e até mesmo em casa no ambiente familiar deveriam ser rotineiras, pois conforme Silveira (1996, p. 12) “... é importante existir a cumplicidade entre a criança e o contador de histórias, do ponto de vista afetivo, porque a ilustração e o texto ajudam o acesso ao mundo dos adultos”.

A técnica da narrativa é defendida por alguns autores. Para que esta tarefa tenha êxito é necessário um preparo prévio da pessoa que vai ministrá-la. O contato da criança com o livro necessita ser compartilhado com alguém que o aprecie. Contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, onde enredo e personagens ganham vida, transformando tanto narrador como ouvinte. Deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura do mundo na trajetória de cada um. As histórias ilustradas e cantadas são de grande incentivo e encantamento; para torná-las mais atraentes e fáceis de serem assimiladas é interessante o uso da música, gravuras, desenhos, bonecos, fantoches e dobraduras, que irão atrair a atenção dos ouvintes.

O caráter oral das primeiras narrativas tem papel essencial na elaboração e transmissão dos primeiros relatos da nossa história. De acordo com Cavalcanti (2004, p. 28): “Tem-se notícia de que as primeiras narrativas se constituíram em relatos fabulosos sobre a possível história do surgimento do mundo”. Esses relatos estavam impregnados de conteúdos voltados para o sobrenatural, o misterioso envolvido na aura do sagrado. E continua: “Eram relatos marcados pelo registro de rituais de iniciação e magia, próximos à consciência mítica e religiosa para,

somente muito tempo depois, se transformarem em mito e história” (CAVALCANTI, 2004, p. 28).

Contar histórias é a mais antiga e, paradoxalmente, a mais moderna forma de comunicação. No passado, o contador de histórias era considerado o depositário da experiência, conhecimento e sabedoria. A contação de histórias resiste há mais de três mil anos por compartilhar experiências humanas como nenhuma outra. Fascina ouvintes de todas as idades porque desperta, no plano poético, dores, pavores e alegrias. A arte de contar histórias, como prática milenar, teve seu início desde os primórdios da humanidade por meio da tradição oral, sendo intensificadas na Grécia Antiga e no Império Árabe – por meio das famosas histórias presentes na obra “As mil e uma noites”, contadas por Sherazade⁴.

De acordo com Busatto (2003),

Os contos de fadas tomaram conta da Europa a partir do século XII e foram registrados por alguns ilustres conhecidos, como o francês Charles Perrault (1628-1703), que reuniu contos da tradição oral e editou um livro intitulado “Contos da Mãe Gansa”. Na Alemanha os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como os Irmãos Grimm, publicaram os contos colhidos da boca do povo, principalmente de uma camponesa chamada Katherina Wieckmann. A maior parte dos contos que fazem parte do primeiro livro da dupla, Contos para Crianças e para o Lar, foram contados por ela. (BUSATTO, 2003, p. 23-24).

⁴ Lendária rainha persa e narradora dos contos de As Mil e Uma Noites.

Busatto (2003) ainda fala que um dos contos mais conhecidos é João e Maria, coletado da cultura popular pelos irmãos. Da Grécia, vieram as Fábulas de Esopo, coletâneas de contos traduzidos por La Fontaine. Esopo foi um fabulista grego que deve ter vivido por volta do século VI a.C. O acervo da literatura infantil clássica seria contemplado décadas depois dos irmãos Grimm (século XIX), com os *Eventyr*⁵ (168 contos publicados entre 1835-1877) do dinamarquês Hans Christian Andersen, que escreveu os clássicos: O soldadinho de chumbo, O patinho feio, A roupa nova do rei, A pequena sereia, A vendedora de fósforos, A rainha da neve; dentre outros clássicos inesquecíveis que até hoje encantam crianças do mundo todo. Andersen buscava sempre passar padrões de comportamento que deveriam ser adotados pela nova sociedade que se organizava e também pretendia demonstrar em suas histórias a ideia de que todos os homens deveriam ter direitos iguais.

Sabe-se que muitos contos tiveram sua origem em ensinamentos religiosos. Não se pode negar que Jesus Cristo foi um grande contador de história através de suas parábolas. Na literatura, é possível encontrar coleções com as parábolas e histórias bíblicas em diversas recontagens voltadas ao público infantil. Na Idade Média, o contador de histórias era bem-vindo e respeitado em toda a parte. As crônicas atestam que na Boêmia, na Áus-

5 Palavra em norueguês que significa: aventura, ou seja, narrativa com conteúdo sobrenatural.

tria e na Ilhas Britânicas, trovadores⁶, segréis⁷, jograis⁸, bardos⁹ e menestréis¹⁰ obtinham passaporte quando outros indivíduos não podiam obtê-lo. Esses eram os que, cantando, recitando, declamando, iam de palácio em palácio, de aldeia em aldeia, contando as histórias tão de gosto populares na época.

Busatto (2003) afirma que os povos orientais consideravam o conto oral mais do que um estilo literário a serviço do divertimento. Sabiam que neles estão contidos o conhecimento e as ideias de um povo, e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores e até curar doenças. Segundo Busatto (2003, p. 17) os povos orientais “acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações o remédio indicado era ouvir um conto e meditar sobre ele”. Percebe-se que, neste caso, o conto funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional que provocava o distúrbio físico, exercendo um poder realmente terapêutico na pessoa.

O conto oral, seja ele conto de fada, mito, lenda, fábula, encanta por alimentar o imaginário e dar mais brilho e vida ao mundo interior. O conto é mesmo uma das formas de expressão artística mais democráticas, e nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que o ouvem, ou seja, é a história de vida de

6 Artistas de origem nobre, que compunham e cantavam, com o acompanhamento de instrumentos musicais.

7 Trovador profissional que vivia de suas apresentações

8 Artista profissional de origem popular - um vilão, ou seja, não pertencente à nobreza - que atuava em praças públicas, divertindo o público.

9 Pessoa encarregada de transmitir histórias, mitos, lendas e poemas de forma oral, cantando as histórias do seu povo em poemas recitados.

10 Poetas cujo desempenho lírico referia-se a histórias de lugares distantes ou sobre eventos históricos reais ou imaginários.

cada um que determinará com que cores e com que música ela vai soar. O período imerso na oralidade foi longo. A trajetória que se fez desde a articulação dos primeiros sons até a invenção da escrita marcou profundamente o percurso do homem.

A tradição oral no Brasil tem suas raízes nas “rodas de causo” que se organizavam após o jantar, nos galpões das fazendas, nas varandas cobertas das casas, nos quintais, envolta da fogueira, ou até mesmo nas calçadas. Era ali que o contador de histórias, geralmente um visitante, narrava àquele grupo de ouvintes, um causo (acontecido ou imaginário) considerado interessante, e desta forma, se estruturou o conto como forma literária, que ainda hoje é a base do conto moderno.

Aqui no Brasil é possível encontrar os registros de contos populares realizados por viajantes, antropólogos e folcloristas. Entre eles Silvio Romero¹¹, e também pelo grande ouvinte das histórias populares, Câmara Cascudo, que soube ouvir todas as vozes que estavam ao seu redor, multiplicando este saber que até hoje faz parte das rodas de leitura. Busatto (2003) menciona em seu livro que Câmara Cascudo apresenta contos genuinamente brasileiros, como os personagens do folclore brasileiro, Caipora e Curupira, criação dos povos indígenas que habitavam o Brasil quando da chegada dos portugueses. Cascudo (2003) conta que o personagem Curupira foi citado pelo Pe. José de Anchieta em uma de suas cartas.

Os contos populares atuais são diferentes dos que se perpetuaram na tradição oral. A transcrição destes para a escrita implicou alguma adaptação, porque a narrativa oral, além da ênfa-

11 Sergipano de Lagarto – foi advogado, jornalista, crítico literário, poeta, escritor, professor.

se, da entoação, era acompanhada por outros tipos de linguagem como os movimentos corporais, a mímica, variáveis de contador para contador e irreproduzíveis na escrita. Ao se formar a roda, o contador de causos iniciava sua narrativa com o tradicional «era uma vez... foi um dia... em tempos que já se foram». Essa forma inicial remetia os ouvintes para o passado e funcionava como um sinal de que se ia passar do mundo real para um mundo irreal, o da fantasia, onde tudo é possível. Esse mergulho no imaginário terminava com a fórmula final: ... e viveram felizes para sempre.

A narração oral no século XXI ganha nova dimensão ao ocupar o espaço telemático. Abordar a performance do contador na era digital implica mudanças de foco, de entendimento e aceitação de outras perspectivas e paradigmas do aprendizado e da fruição dessa arte. Isto leva a crer que o conto da tradição oral é uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade. Saber da sua provável origem mostra-se apenas uma curiosidade, porque o conto se molda ao contexto onde ele é narrado, e segundo Busatto (2007, p. 28), “como um camaleão, o conto vai se adaptando às cores e aos tons de cada povo, de cada contador que o narrou”. O conto da tradição oral é um retrato da magia e encantamento, uma fantástica criação da mente humana que vem se propagando ao longo dos tempos.

Segundo Cavalcanti (2004), valorizar os relatos orais é uma forma de compreender o percurso humano, os quais superaram as barreiras do tempo e dos novos meios de produção. Mesmo tendo sido essas narrativas compiladas por alguns pesquisadores e impressa para a publicação, é sabido que continuam sendo repassadas pela tradição oral de geração em geração.

Gêneros Literários Voltados para a Infância

Quando falamos em gêneros literários, estamos falando sobre o conteúdo e a estrutura do texto. Dependendo de como os textos são estruturados, e do seu conteúdo, eles podem ser divididos em três gêneros: lírico, épico e dramático; para fins didáticos, alguns autores do gênero épico desmembram o gênero narrativo (ficção), no qual se encaixam as narrativas em prosa (ARAÚJO, s.d., n.p.). De acordo com Kuhlthau (2002, p. 30), “os poemas, canções, parlendas, quadrinhas, adivinhas e trava-línguas são espécies literárias que podem ser utilizadas desde a educação infantil”.

Poesia e Parlenda

Debus (2006, p. 49) afirma em sua obra que a criança entra em contato com a produção literária desde os seus primeiros dias de vida; ao reconhecer a poeticidade que surge das cantigas de ninar, verdadeiros poemas de afofo e acalanto, que estão presentes no imaginário infantil, num jogo de proteção e repressão. Basta lembrarmos da personagem “Cuca”, figura bruxólica¹² provocadora de medo popularizada numa cantiga que busca apaziguar a criança com a promessa do retorno dos pais:

Há poetas que quase brincam com as palavras, de maneira a cativar as crianças que ouvem ou leem esse tipo de texto. Lidam com toda uma ludicidade verbal, sonora e musical, no jeito como vão juntando as palavras e acabam por tornar a leitura algo muito divertido. (DEBUS, 2006, p. 49).

¹² Pertencente ou relativo às coisas de bruxas.

Segundo Bernardo (2010, p. 21), “os autores utilizam-se de rimas bem simples e que usem palavras do cotidiano infantil; um ritmo que apresente certa musicalidade ao texto; repetição para fixação das ideias e melhor compreensão dentre outros”. A criança tem uma boa receptividade à poesia, pois a musicalidade entoada e as rimas soam como brincadeira aos ouvidos dos pequeninos. Assim, as palavras do poeta, as que procuraram chegar até ela pelos caminhos mais naturais, mesmo sendo os mais profundos em sua síntese, não importam, nunca serão melhor recebidas em lugar algum do que em sua alma, por ser mais nova, mais inocente, angelical e pura.

A poesia infantil enquanto gênero literário dirigido às crianças surgiu no Brasil no final do século XIX. Segundo Camargo (1999) – escritor e ilustrador de livros infantis, dentre esses poemas, um dos mais antigos é um soneto de Alvarenga Peixoto (1744-1792), mais conhecido por sua participação na Inconfidência Mineira, em 1789. Luiz Camargo (1999) em sua palestra apresentada a LAIS¹³:

Pode-se dizer, assim, que, no Brasil, o gênero poesia infantil surge de braços dados com a escola, visando principalmente a aprendizagem da língua portuguesa. Não são os escritores que querem ampliar seu público, escrevendo também para crianças, mas os professores que começam a organizar e escrever antologias de textos em prosa e verso

13 Palestra apresentada no LAIS – Instituto Latino-americano –, da Universidade de Estocolmo, e no Instituto Sueco do Livro Infantil (neste último, em inglês), Estocolmo, Suécia, em outubro de 1999, junto com Ricardo Azevedo, que falou sobre “Literatura infantil brasileira hoje: alguns aspectos e problemas”.

para utilização como livros de leitura escolar. (CAMARGO, 1999, n.p).

O livro *Poesias Infantis* (1904), de Olavo Bilac (1865-1918), é o *best-seller* do gênero na primeira metade do século XX, com 27 edições, até 1961. Bilac, que é reconhecido como o mais importante poeta parnasiano brasileiro, escreveu poesias infantis, segundo suas próprias palavras, “para uso das aulas de instrução primária”, procurando compor “versos (...) sem dificuldade de linguagem”, sobre “assuntos simples”, visando “contribuir para a educação moral das crianças do seu país”. (CAMARGO, 1999, n.p.).

Já Cecília Meireles é reconhecida como uma das principais vozes femininas da poesia brasileira. Segundo Nunes (2012, n.p.), ela “traz para a poesia infantil a musicalidade característica de sua poesia, explorando versos regulares, a combinação de diferentes metros, o verso livre, a aliteração, a assonância e a rima”. Os poemas infantis de Cecília Meireles não ficam restritos à leitura infantil, permitindo diferentes níveis de leitura (GOUVEIA, 2001 apud NUNES, 2012).

Vale aqui observar que, na atual década, o acervo de poesia infantil à disposição da criança brasileira foi bastante enriquecido graças aos poetas-tradutores Tatiana Belinky, José Paulo Paes e Sérgio Capparelli, que traduziram os poemas de autores russos, alemães, hebraicos, ingleses, dentre outros.

De acordo com Bordini:

Em contato com o texto poético, a criança é tomada por vivências que a distanciam de seu ambiente familiar, linguístico e social. Todavia, a configura-

ção eminentemente ordenadora dos estímulos do mundo poético (os ritmos, a criação de vínculos entre objetos isolados) garante que esse deslocamento se processe num clima de segurança, em que o incomum produz prazer e não temor. Assim, a experiência do poema propicia o alargamento dos conteúdos da consciência por uma prazerosa tomada de posse do desconhecido, suscitada pelo desafio das formas e das ideias. (BORDINI, 2009, p. 67).

As cantigas de roda também têm ritmo, rimas e risos, brincam com o som, com o corpo, com gestos e com emoções. Por isso, quando é sussurrado no ouvido do bebê a melodia suave da cantiga de ninar, é introduzida, mesmo sem perceber, no encantamento da literatura oral, que deve estar sempre presente no repertório infantil. Desta forma, a criança se constitui leitor do texto literário a partir do momento em que tem acesso a essas narrativas por meio da oralidade, bem antes de ser inserida no mundo das letras. Segundo Eliane Debus:

A poesia se manifesta ,concretamente, pela oralidade e pela palavra escrita. A primeira tem sua origem na oralidade – essas condições poéticas que atravessam gerações e se estabelecem em espaços geográficos distintos e muitas vezes com a mesma força, mesmo que em versões diferentes... a segunda manifestação tem sua origem na escrita. Muitos são os poetas que se dedicam a brincar com as palavras apresentando à criança a ludicidade do texto poético, com as suas rimas, os seus ritmos, as suas sonoridades. (DEBUS, 2006, p. 54).

Outra manifestação poética utilizada, frequentemente, na literatura infantil são as parlendas, versinhos com temática infantil que são recitados em brincadeiras de crianças. Possuem uma rima fácil e, por isso, são populares entre as crianças e fazem parte do folclore brasileiro, pois representam uma importante tradição cultural do nosso povo.

Entre as muitas parlendas podemos citar uma que é muito conhecida por todos que é: “Hoje é domingo, pede cachimbo. O cachimbo é de ouro, bate no touro. O touro é valente, bate na gente. A gente é fraco, cai no buraco. O buraco é fundo, acabou-se o mundo”. Outra bem conhecida é: “Um, dois, feijão com arroz, Três, quatro, feijão no prato, Cinco, seis, falar inglês, Sete, oito, comer biscoito, Nove, dez, comer pastéis”. Essa é uma maneira de fazer com que as crianças comam, tomem banho, escovem os dentes com mais animação e sem chorar.

Pode-se ainda citar os trava-línguas, brincadeira linguística em que a língua se enrola e desenrola provocada pela aproximação sonora das palavras, como a conhecida frase “o rato roeu a roupa do rei de Roma”. As adivinhas ou adivinhações, que são modalidades da literatura popular que solicitam ao ouvinte uma resposta certa para uma pergunta enigmática, iniciando sempre com a frase: “O que é o que é?”.

Contos de Fadas e Contos Populares

Contos de fadas, mitos, lendas e fábulas, frequentemente, constituem para os sábios dos tempos antigos um meio de transmitir, ao logo dos séculos, de uma maneira mais ou menos velada, pela linguagem de imagens, os conhecimentos que, rece-

bidos desde a infância, ficarão gravados na memória profunda do indivíduo, para ressurgirem, talvez, no momento apropriado e iluminado por um novo sentido.

Na literatura infantil, os contos de fadas exercem um papel importante no que diz respeito à formação da personalidade da criança, pois ela se identifica com os personagens, aprende que é possível vencer obstáculos e, no final, percebe que pode sair triunfante como os heróis das histórias. Desta forma, Bettelheim diz que:

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem à criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade (BETTELHEIM, 1980, p. 32).

Os contos de fadas apresentam sempre uma situação a ser resolvida pelo herói ou heroína. Por pior que sejam as dificuldades passadas pelos personagens dos contos de fadas, no final eles sempre vencem e tudo acaba bem, “felizes para sempre”, dando a impressão de que a felicidade é eterna e nunca mais aqueles personagens passarão por dificuldades.

De acordo com a escritora Cléo Busatto,

Se o conto de fada encerra conteúdos simbólicos acessíveis ao espírito da criança, capazes de mo-

bilizar afetos, o mesmo não se pode afirmar do mito, já que à sua compreensão solicita-se um certo amadurecimento intelectual e psicológico, para que possamos aprendê-lo considerando as luzes e as sombras que ele lança sobre nós. (BUSATTO, 2003, p. 31).

Por ser de fácil entendimento, conter a magia e encantamento presentes em suas histórias, os contos de fadas e populares são os mais utilizados na iniciação da criança à leitura. Desde o ventre e principalmente na primeira infância, os contos clássicos são contados de geração em geração e por isso já foram traduzidos e reeditados por muitas editoras mundo a fora.

Contos de Perrault, de Grimm e de Andersen: breves considerações

A história da literatura registra que a primeira coletânea de contos infantis

teria nascido quase por acaso na França do século XVII, no reinado de Luís XIV, pelas mãos de Charles Perrault. Trata-se dos Contos da Mãe Gansa (1697), livro na qual Perrault (poeta e advogado de prestígio na corte) reuniu oito histórias, recolhidas da memória do povo. São elas A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, Cinderela ou A Gata Borracheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar. Contos em versos e cuja autoria ele atribuiu ao seu filho Pierre Perrault, que o ofereceu à Infan-

ta, neta do Rei Sol. Em uma segunda publicação Perrault acrescentou: A Pele de Asno, Grisélidis e Desejos Ridículos (COELHO, 2008, p. 27).

Charles Perrault nasceu em Paris, no dia 12 de janeiro de 1628 e morreu aos 75 anos. O poeta da Academia Francesa não atuou exclusivamente no mundo das letras. Além de trabalhar como advogado, tornou-se superintendente de construções do Rei Sol Luís XIV, posição política em que se destacou ao lado do ministro Colbert.

Segundo Araújo (s.d.), Jacob Grimm e Wilhelm Grimm nasceram na cidade de Hanau, em 1785 e 1786, respectivamente; estudaram direito, mas se dedicaram integralmente à literatura, se detacando pela excelência narrativa. Segundo Coelho (2003), os irmãos Grimm eram:

Participantes do Círculo Intelectual de Heidelberg, os Grimm filólogos, folcloristas, estudiosos da mitologia germânica empenhados em determinar a autêntica língua alemã (em meio aos numerosos dialetos falados nas várias regiões germânicas) - entregam-se à busca das possíveis invariantes linguísticas, nas antigas narrativas, lendas e sagas que permaneciam vivas, transmitidas de geração para geração, pela tradição oral. Duas mulheres teriam sido as principais testemunhas de que se valeram os Irmãos Grimm para esta homérica recolha de textos: a velha camponesa Katherina Wieckmann, de prodigiosa memória, e Jeannette Hassenpflug, descendente de franceses e amiga íntima da família Grimm. Em meio à imensa massa de textos que

lhes servia para os estudos linguísticos, os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil. Entre os contos mais conhecidos estão: A Bela Adormecida; Branca de Neve e os Sete Anões; Chapeuzinho Vermelho; A Gata Borralheira; O Ganso de Ouro; Os Sete Corvos; Os Músicos de Bremen; A Guardadora de Gansos; Joãozinho e Maria; O Pequeno Polegar; As Três Fiandeiras; O Príncipe Sapo e dezenas de outras, que correm mundo. Publicados avulsamente entre 1812 e 1822, posteriormente foram reunidos no volume Contos de Fadas para Crianças e Adultos (hoje conhecido como Contos de Grimm). (COELHO, 2003, p. 29).

Os contos de Grimm são muito utilizados por bibliotecários nas bibliotecas escolares e públicas, na hora do conto e nas contações de histórias, pois são carregados de ensinamentos mais fáceis e inteligíveis para o público infantil; a exemplo de João e Maria, que ao saírem pela floresta para buscar amoras, se perderam e encontraram a casa de doces da velha Bruxa e acabaram virando prisioneiros.

Hans Christian Andersen, escritor e poeta dinamarquês de histórias infantis, escreveu peças de teatro, canções patrióticas, contos, histórias e principalmente contos de fadas. Entre eles, O patinho feio, A roupa nova do Imperador, O soldadinho de chumbo. Em sua homenagem, o dia 02 de abril ficou conhecido como Dia Internacional da Literatura Infantil.

A escritora Nelly Coelho aponta em sua obra algo interessante sobre Andersen:

Sintonizado com os ideais românticos de exaltação da sensibilidade, da fé cristã, dos valores populares, dos ideais de fraternidade e da generosidade humana, Andersen se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhes o ideal religioso que vê a vida como o “vale de lágrimas” que cada um tem de atravessar para alcançar o céu. A par do maravilhoso, seus contos se alimentam da realidade cotidiana, na qual impera a injustiça social e o egoísmo. Daí que, em geral, os Contos de Andersen sejam tristes ou tenham fins trágicos (e muitos deles tenham “envelhecido”). Entre os mais conhecidos, citamos: O Patinho Feio; Os Sapatinhos Vermelhos; O Soldadinho de Chumbo; A Pequena Vendedora de Fósforos; O Rouxinol e o Imperador da China; A Pastora e o Limpador de Chaminés; Os Cisnes Selvagens; A Roupas Nova do Imperador; Nicolau Grande e Nicolau Pequeno; João e Maria; A Rainha de Neve. (COELHO, 2003, p. 30).

Os Contos de Andersen foram resgatados do folclore nórdico¹⁴ e “mostram um viés às injustiças que estão na base da sociedade, sendo que, ao mesmo tempo, oferecem o caminho para neutralizá-las: a fé religiosa” (MIRANDA, 2010, p. 15). E, ainda, “em seus textos Andersen sugere a piedade e a resignação para

14 Referente aos países que compõem a região da Europa setentrional e do Atlântico Norte, composta pela Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia, e as regiões autônomas das Ilhas Faroé, arquipélago da Åland e Groenlândia.

que o céu seja alcançado em sua plenitude ... e lutou sempre por seu 'lugar ao sol', a despeito dos obstáculos e das injustiças" (MIRANDA, 2010, p. 15). Alguns valores ideológicos presentes em suas obras: defesa dos direitos iguais, valorização do indivíduo por suas qualidades próprias, ânsia de expansão do eu, consciência de precariedade de vida, crença na superioridade das coisas naturais (MIRANDA, 2010).

O Conto Popular

Segundo Romero e Cascudo (s.d.), o conto é uma expressão importante no quadro da literatura oral de um país, pois "... o conto popular ainda documenta o saber de um povo, a sobrevivência, o registro de usos e costumes esquecidos no tempo". (ROMERO; CASCUDO, s.d., n.p.). Megale o define como

Um relato oral e tradicional de contornos verossímeis e também ocorrendo dentro do maravilhoso e do sobrenatural. Pode mencionar fatos possíveis, como também referir-se a animais dotados de qualidades humanas e episódios com abstração histórico-geográfica. (MEGALE, 1999, p. 51).

Assim como nos contos de fadas, os personagens dos contos populares encantam e despertam a imaginação de quem os ouve, seja jovem, criança ou adulto, o que vale é o despertar pela valorização da tradição de uma época, de um povo.

Luís da Câmara Cascudo, considerado um dos maiores folcloristas brasileiros, classifica os contos em: contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, contos religio-

ços, contos etiológicos, contos acumulativos, contos de adivinhação, anedotas e causos. Os contos de encantamento consistem em histórias de fadas e duendes, caracterizadas pelo sobrenatural e maravilhoso. São os Contos da Carochinha, Chapeuzinho Vermelho, Joãozinho e Maria, A Bela Adormecida, Branca de Neve, o Pequeno Polegar, Gata Borralheira, etc. A Borralheira fala de uma jovem obrigada a trabalhar enquanto as meias-irmãs se divertem. Branca de Neve foi condenada a morrer na floresta. Chapeuzinho Vermelho desobedeceu a mãe e quase virou comida do Lobo Mau.

Segundo Garcia (s.d., n.p.), “os contos de exemplo são narrativas breves muito frequentes na literatura infantil. Registram situações retiradas do cotidiano e encerram uma moralidade, que se institui como exemplo de conduta. Trocam o fantástico pelo realismo”. São contos morais, sempre com ação doutrinária. Apresentam sempre casos edificantes, por exemplo O filho do pescador, A menina vaidosa, O amor-perfeito, dentre outros. Os contos de animais são as fábulas, em que os animais são dotados de qualidades, defeitos e sentimentos humanos (O gavião e o urubu, A raposa e as uvas, O pulo do gato) (ROMERO; CASCUDO, s.d.).

Os contos religiosos caracterizam-se pela presença ou interferência divina. Já os contos etiológicos explicam a origem de um aspecto, forma, hábito, disposição de um animal, vegetal, por exemplo: A maçarapeba ficou com a boca torta por ter zombado de Nossa Senhora; A festa no céu; Os miosótis, que se tingiram com a cor dos olhos de Maria; Jesus e o tatu (ROMERO, s.d.).

Já os contos acumulativos, também denominados lengalenga, são contos com episódios sucessivamente encadeados,

com ações e gestos que se articulam em longa seriação, contado para divertir as crianças (MEGALE, 1999). Por fim, pode-se incluir os contos de adivinhação, as anedotas e os “causos”. Os primeiros apresentam um enigma sob a forma de história, resultante do processo de associar e comparar as coisas pela percepção de semelhanças e diferenças. As anedotas, ou popularmente piadas, são contos que visam provocar jocosidade ou ridicularidade. (ROMERO; CASCUDO, s.d.).

Mitos

E o que dizer dos mitos? A mitologia é diferenciada das lendas, que explicam aspectos da vida cotidiana, pois se empenham em explicar a criação do mundo. Etimologicamente a palavra *mythos*, do grego, significa narrativa sobre o aparecimento dos seres vivos, homens e deuses, elementos da natureza, representação de fatos ou personagens. Segundo Coelho (2003, p. 91): “Os mitos nascem no espaço sobrenatural dos deuses, que estão na origem da vida no universo”. Um sistema de lendas que tratem de um mesmo tema central constitui um mito. O mito nos aproxima daquela parcela divina que denominamos de espírito, fonte, origem, capaz de mobilizar o nosso ser. O mito é o nada que é tudo, se expressa em uma história desenrolando-se no tempo e no espaço e que em linguagem simbólica exprime ideias religiosas e filosóficas, experiências da alma. Segundo Coelho (2003), os mitos são narrativas tão antigas quanto o próprio homem e nos falam de deuses, duendes e de situações em que o sobrenatural domina.

Mito e literatura, desde as origens, existem essencialmente ligados: não existe mito sem a palavra literária. Aqui vale lem-

brar que Câmara Cascudo buscou nos mitos as nossas origens. Os mitos são narrativas primordiais que formam um universo atravessado por lendas, parábolas, apólogos, símbolos, arquétipos que mostram as fronteiras em que vivem os seres humanos, entre o conhecido e o mistério, entre o consciente e o inconsciente.

Fábulas

Segundo Alves (2007, p. 26), “na Idade Média começaram a circular as fábulas gregas de Esopo e as latinas de Fedro. Eram narradas em versos e em língua ‘romance’ (a língua que foi apenas falada durante o longo tempo entre o latim e o surgimento das línguas modernas)”. As fábulas são uma das mais antigas maneiras de se contar uma história e constituem meios de inculcação de ideias em várias culturas do mundo, inclusive no Brasil. Segundo Garcia (s.d) a fábula:

é uma narrativa de natureza simbólica de uma situação vivida por animais, que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. Seus personagens são sempre símbolos, representam algo num contexto universal, como o leão símbolo de força ou a raposa símbolo de astúcia. (GARCIA, s.d., n.p.).

Acredita-se que Esopo tenha vivido no século 6 antes de Cristo, ele usava muitos bichos como personagens em suas fábulas: tartarugas, lebres, raposas, formigas e cigarras e usava as histórias para criticar criticava os valores da sociedade de sua

época. Algumas de suas obras mais conhecidas “A formiga e a cigarra”, “A galinha dos ovos de ouro”, “A raposa e as uvas”, “A lebre e a tartaruga”, “O lobo e o cordeiro”. Algumas se transformaram em ditados e expressões populares: “mãe coruja”, “burro em pele de leão”, “atirar pérolas aos porcos”, “contar com ovos na galinha”, “morder a mão do dono”, “unidos jamais serão vencidos”. As fábulas contêm a experiência humana de séculos e, por isso merecem ser lidas e admiradas.

Jean de La Fontaine foi um poeta e fabulista francês. Era filho de um inspetor de águas e florestas, e nasceu na pequena localidade de Château-Thierry. Estudou teologia e direito em Paris, mas seu maior interesse sempre foi a literatura. Coelho (2003) em sua obra relata que:

Durante vinte e cinco anos, trabalhou na busca desses antigos textos e os reelaborou em versos, dando-lhes a forma literária definitiva – Fábulas de La Fontaine – que há séculos, vêm servindo de fonte para as mil e uma adaptações que se espalham pelo mundo todo...Suas fábulas eram verdadeiros textos cifrados, que denunciavam as intrigas, os desequilíbrios ou as injustiças que aconteciam na vida da corte ou entre o povo. Foi pelo empenho do autor que se divulgaram, no mundo culto, as fábulas populares: O Lobo e o Cordeiro, o Leão e o Rato, A cigarra e a Formiga, A Raposa e as uvas. (COELHO, 2003, p. 28).

De acordo com a visão de Busatto (2003), as fábulas podem trazer, de alguma forma, previsões, e de uma forma ameaçadora, pois podem indicar que atitude deve ser tomada diante

de uma tal situação. É bem diferente da narrativa destinada a uma máxima moral, distinta do conto de fada, que sem impor moral, permite que decisões sejam tomadas ou não pelo sujeito. Ou seja, as fábulas dizem-nos exatamente o que fazer, e advertem-nos, caso não façamos a coisa certa. Diferente dos contos de fada, elas não se utilizam de uma linguagem simbólica, e correm o risco de se tornarem ultrapassadas, pois muitas vezes transmitem um ensinamento de épocas que já se foram, não a realidade dos dias atuais.

Lendas

Já as lendas são episódios da tradição popular de fatos que poderiam ter acontecido, ou aconteceram muito próximo do narrador. São histórias fantásticas que nada têm a ver com a realidade e são construídas em torno de personagens históricos e religiosos. A lenda é uma narrativa cujo argumento é tirado da tradição oral. Consiste num relato onde o maravilhoso e o imaginário superam o histórico. Nela, o real e o imaginário mesclam-se de tal maneira que é impossível discernir onde acaba o verdadeiro e começa a fantasia. Todos os folclores estão repletos de lendas, que tentam explicar de maneira mágica os mistérios da vida e do Universo.

Segundo Mariuci (s.d., n.p.), a lenda “está marcada por um grande sentimento de fatalidade. Tal sentimento é importante, porque fixa a presença do *Destino*, aquilo contra o que não se pode lutar e demonstra o pensamento humano dominado pela força do desconhecido”. O folclore brasileiro é rico em lendas regionais, das quais podemos destacar as seguintes: “Boitatá”,

“Boto cor-de-rosa”, “Caipora ou Curupira”, “Iara”, “Lobisomem”, “Mula-sem-cabeça”, “Negrinho do Pastoreio”, “Saci Pererê” e “Vitória Régia”.

Segundo Figueira (2016),

A lenda, em especial a mitológica, constitui o resumo do assombro e do temor do homem diante do mundo e uma explicação necessária das coisas. A lenda, assim, não é mais do que o pensamento infantil da humanidade, em sua primeira etapa, refletindo o drama humano ante o outro, em que atuam os astros e meteoros, forças desencadeadas e ocultas. (FIGUEIRA, 2016, p. 172).

Sendo assim, contos de fadas, mitos, lendas ou fábulas, não importa que suas estruturas sejam diferentes, são todos frutos da imaginação e estão carregados da mais pura magia e encantamento, e é através delas que é possível guardar, sob a forma de narrativas, ficcionais ou reais, toda a nossa história e nossa cultura. Compartilhar a literatura com as crianças significa fazê-las participar da história da humanidade.

Gustavo Aragão Cardoso

O Mundo Mágico



Quando Encontro
St. Editora

A MEDIAÇÃO DA LEITURA

A palavra mediação vem do latim *mediatione*, intervenção humana entre duas partes, ação de dividir em dois, indicando ideias de intervenção, relação, conjugação, religação, ponte ou elo estabelecido nas relações humanas, por meio de um elemento mediador. Segundo Rasteli (2013, p. 21) “os termos mediação, mediações e mediador podem ser notados em diferentes instâncias discursivas do campo, por distintos ângulos, o que faz da noção de mediação uma presença marcante no contexto da Ciência da Informação brasileira”.

Bortolin e Almeida Júnior (2007), pesquisadores desta temática, definem o mediador de leitura como o indivíduo que aproxima o leitor do texto. Esta é a definição mais conhecida que, em outras palavras, significa dizer que o mediador é o facilitador desta relação (leitor-livro). E como intermediário de leitura, o mediador encontra-se em uma situação privilegiada, pois tem nas mãos a possibilidade de levar o leitor a infinitas descobertas.

A leitura é um processo de identificação de signos e compreensão de significados da linguagem escrita. Provavelmente seja uma das áreas mais encantadoras da educação, talvez porque poucas ações educativas sejam tão fascinantes como a de apoiar e estimular as crianças na decodificação da linguagem impressa. Constitui uma experiência prazerosa e única, além de ampliar o saber e conhecimento de mundo. Alliende e Condemarín (2005) citam as principais razões que justificam, ainda hoje, as vantagens e a persistência da leitura, apesar da interrupção dos meios

de comunicação de massa. São elas: a liberdade, o êxito ou fracasso escolar, a articulação dos conteúdos culturais, a expansão da memória humana e o estímulo à produção textual, além de determinar processos de pensamentos.

No que diz respeito à liberdade, o leitor pode escolher aquilo que quer e gostaria de ler. Pode escolher o local e hora que quer ler, o tempo que dispenderá na leitura, tudo de acordo com sua comodidade e vontade. Já nas mídias e outros meios, prevalece a imposição, como por exemplo, o rádio e a televisão que oferecem variedade limitada de programas, escolhidos por acordo comerciais ou gosto massivo, em horários predeterminados. Desta forma, a falta de flexibilidade pode levar a uma compreensão errônea ou superficial do conteúdo. Já com a leitura é diferente, permite ao indivíduo ser crítico diante da informação recebida.

Bortolin (2014), em seu artigo sobre mediação da leitura para leitores-ouvintes diz que:

Nosso conceito de “leitor-narrador é todo indivíduo que medeia o encontro do leitor com diferentes textos (de origem escrita ou oral), utilizando o seu suporte vocal para ler ou narrar” e “leitor-ouvinte é todo indivíduo que tem a sua leitura mediada, isto é, que recebe a interferência oral de um mediador para se encontrar com diferentes textos, podendo também ser chamado de leitor que lê com os ouvidos” (BORTOLIN, 2014, p. 208).

É sabido que a eficiência na leitura está ligada ao êxito ou ao fracasso na escola. Na educação básica, a meta era “aprender a

ler”, agora a ênfase está em “ler para aprender”, ou seja, é necessário a leitura para aquisição do conhecimento e aprendizado pois ela permite a máxima organização da informação. Em seus estudos Allende e Condemarín (2005) apontaram a leitura como um expensor da memória humana.

As pessoas que vivem em culturas principalmente orais têm uma séria de recursos para reter a informação em sua memória de longo prazo, como também para recuperá-la quando é necessária. Por exemplo, a utilização de padrões rítmicos que facilitam a lembrança de letras de canções, adivinhações, fórmulas de brincadeiras, poemas, etc.; a lembrança de frases memoráveis...a utilização de provérbios, máximas, refrãos, ditados e outras formulas linguísticas que circulam de boca em boca, de geração em geração ... (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 15).

Alliende e Condemarín (2005) afirmam ainda que a leitura em um plano pessoal proporciona experiências por meios dos quais o indivíduo pode expandir suas limitações, identificar seus interesses, obter conhecimentos mais profundos de si mesmo e de outros indivíduos da sociedade. A leitura organiza a experiência pessoal, enriquece ideais próprias com as de muitas outras fontes. Na mente, a leitura das imagens é transformada em símbolos gráficos abstratos em sons, os sons em palavras e as palavras em estruturas linguísticas.

Ações rotineiras em bibliotecas tornam seu espaço dinâmico e vivo, tais como a hora do conto, as rodas de leitura, as contações de histórias de forma prazerosa; nas quais as crianças

podem conhecer um pouco mais sobre diversos assuntos, reconhecer diferenças entre a ficção e realidade, entrar em contato com experiências diversas, imaginar cenários e apropriarem-se da linguagem.

Sendo assim, Bortolin (2014) expõe sobre o leitor público:

Ler um livro, em geral, é uma ação solitária, mas ler em voz alta é uma ação solidária, isso é o que faz um ledor ou leitor público. A expressão leitor público não é muito comum em terras brasileiras, podendo ser definida como aquele que lê para um público em voz alta, sendo uma única pessoa ou um grupo. Diferencia-se do narrador, pois apresenta o texto na íntegra, sem digressões ou adaptações. (BORTOLIN e ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 218).

Isto quer dizer que o mediador de leitura, quando faz a mediação, deve manter-se fiel ao texto sem poder alterar, inserir ou suprimir qualquer informação. O que é diferente na contação de histórias, onde o contador pode usar sua criatividade e fazer modificações e adaptações de acordo com a necessidade. Sendo assim, como diz Bortolin (2014), tanto os que contam histórias e as leem em voz alta, exercitam a mediação da literatura possível de encantamento.

A biblioteca pública ,enquanto equipamento cultural, tem como uma de suas funções incentivar o gosto e hábito da leitura, convivendo com novos suportes literários disponíveis para a leitura. Hoje não é apenas o livro em papel, mas o digital que também está em evidência. Nesse contexto:

O incentivo à leitura, mediante atividades de mediação, depara-se com novos suportes informacionais que requerem cada vez mais práticas leitoras apropriadas para o domínio das novas tecnologias em informação e comunicação. A validade de outros códigos e linguagens, as tradições orais, as novas textualidades, juntamente com os gêneros textuais digitais, procedentes da era digital também devem ser considerados no ato de formar leitores. (RASTELI, 2013, p.15).

Ou seja, o profissional mediador deve ser capaz também de dominar os novos formatos, conhecer como acessar e disponibilizar esta literatura aos frequentadores da biblioteca para que, através deles, possa executar atividades tão boas e eficazes quanto as que faz com o formato tradicional. E é importante frisar que não basta ao leitor saber ler, é necessário que se entenda aquilo que é lido, e a mediação de leitura é uma ferramenta muito eficaz no processo de entendimento e apropriação do conhecimento.

Ao longo da pesquisa, observa-se que a leitura é primordial no início do desenvolvimento intelectual das crianças, e o entender da leitura, a direcionará do mágico para o real, de forma a informar, independente do suporte que lhes é apresentado. Ou seja, quando a criança entende de fato o que está lendo, quando a leitura não é algo mecânico e sem sentido, ele poderá separar o irreal (ou ficção) do que é de fato uma verdade, desta forma a leitura torna-se informativa para quem lê.

Deste modo, estar em contato direto com os livros, ter aproximação com as narrativas orais da ficção, dos contos, dos

poemas, das histórias e acontecimentos da realidade deve ocupar o olhar, o tempo e a disposição daqueles que trabalham em bibliotecas, sejam elas, escolares ou públicas. A leitura se desenvolve melhor em um ambiente agradável que estimule a criança a acessar o livro, que proporcione o contato com a linguagem oral e escrita, que proporcione experiências informativas e estimule a escutar, a olhar e a descrever o que lhes permita expressar sentimentos, anseios e pensamentos por meio de diversos recursos que a própria biblioteca pode colocar ao seu alcance.

É importante que pais, professores, bibliotecários e demais agentes responsáveis pela formação de leitores tenham consciência sobre os benefícios do desenvolvimento da leitura. As competências adquiridas através das práticas sociais de leitura e escrita nos espaços das bibliotecas públicas podem auxiliar no desenvolvimento humano na sociedade letrada, garantindo sobrevivência e convivência social. (RASTELI, 2013, p.16).

Como afirma Allende (2012), a imersão num ambiente letrado desde a infância facilita à criança a possibilidade de abstrair a linguagem escrita de seu contexto e descobrir o que é necessário para transformar sinais visuais em equivalentes verbais. Portanto, ter em casa, no seio familiar e escolar, jornais, revistas e livros ao alcance das crianças já é o primeiro passo desta jornada em busca da formação do leitor.

O Contador de Histórias

Personagens como Sherazade, Dona Benta e Tia Nastácia encheram o imaginário das crianças com suas narrações durante muito tempo. Sherazade, uma contadora oriental que dribla a morte e vence o coração do sultão depois de mil e uma noites narrando histórias. Histórias tecidas por fios invisíveis ligando uma a outra num tecido inacabado e infinito. O lema de Sherazade não era “quem quiser que conte outra”, pois sua condição diante da morte lhe dá o poder e autoridade para narrar histórias sem fins.

As personagens Dona Benta e Tia Nastácia foram criadas pelo escritor Monteiro Lobato. Dona Benta é a contadora intelectual que se aproxima de narrativas registradas em livros como Dom Quixote, Pinóquio, Peter Pan, entre outros, narradas a uma plateia super especial: uma boneca de pano (Emília), um sabugo de milho (Visconde de Sabugosa), e duas crianças mais do que espertas (Narizinho e Pedrinho), seus netos. Ela narra com suas palavras o lido, utilizando-se de estratégias que respeitam a especificidade do leitor infantil: imita vozes, modifica vocabulário. Já Tia Nastácia, é uma contadora de histórias populares, que conhece as narrativas que circulam de boca em boca, apresenta histórias e personagens do folclore brasileiro.

O contar histórias é uma explosão de configurações de experiências, além de, segundo Eliane Debus:

Poder influenciar diretamente na aprendizagem efetiva da leitura e da escrita, pois, por meio da narrativa, a criança entra em contato com novos

vocábulos, com estratégias de linguagem, já que a estrutura início, meio e fim das narrativas auxilia a criança na elaboração de suas próprias histórias. O leitor-ouvinte começa a ser exposto naturalmente ao mundo ficcional, o que lhe desperta a sensibilidade e a criatividade (DEBUS, 2006, p. 75).

Contar histórias é uma atitude multidimensional (BUSATTO, 2003, p. 45), e ao contá-las, pode-se atingir não somente o plano prático, mas também o nível do pensamento e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério:

Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reavivar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45-46).

O contador de histórias sabe criar um ambiente mágico de encantamento, suspense, surpresa e emoção, onde enredo e personagens ganham vida (MAINARDES, s.d.). Criar e narrar histórias é, antes de tudo, ajudar a guiar e a transformar a vida das pessoas. Contar histórias no ambiente das bibliotecas, tanto as públicas, infantis ou escolares, é um importante auxílio/apoio ao incentivo à leitura. Esta atividade é de suma importância neste contexto devido à mediação que pode ser feita entre os livros e as crianças, o lúdico, as imagens, a narrativa, pois desperta nas crianças que estão sendo alfabetizadas o interesse pelo livro e

pela literatura, fazendo com que estas façam ligações diversas com o texto narrado e seu universo infantil.

Segundo a escritora Gislayne Matos, em seu livro *A palavra do contador de histórias*, “Os contadores de histórias são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmos. Eles semeiam sonhos e esperanças. São carinhosamente chamados de “gente das maravilhas” pelos árabes” (MATOS, 2005, p. 3). Segundo Machado (2004)

Os contos milenares também guardam em sua essência uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetos de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em seres outros, diferentes e melhores do que no início do conto. (MACHADO, 2004, p. 15).

Geralmente o acervo das bibliotecas voltadas ,especificamente, para o público infantil é composto por livros de contos, fábulas, lendas e poemas; os quais permitem enriquecer o repertório deles. Contar uma história (usando a narrativa oral) ou ler uma história (tendo o suporte livro em mãos), são ações diferentes, em relação aos efeitos que produzem nas crianças. Ao narrar uma história se estabelece uma comunicação visual direta e mais próxima com a criança. Ao ler uma história, estabelece-se uma relação emotiva que permite a criança associar a leitura a um momento de comunicação prazerosa com quem lê, ou seja, o

mediador da leitura. Quando as crianças têm experiências continuadas com narrações lidas ou contadas, ampliam seu vocabulário e conhecimentos gramaticais.

Os contadores contam histórias de príncipes, de gênios do mal, de animais encantados e de heróis que passam por difíceis provações para merecer casar-se e viver feliz para sempre ao lado da bela princesa, e tudo isso, num tom poético e mágico para atrair a atenção dos ouvintes. O conto tradicional é também um material fértil para se estudar as funções das palavras, a organização dos elementos que compõem as frases para criar significações. Quem conta um conto aumenta um ponto, diz o ditado popular da tradição narrativa. Ao contar um conto, uma narrativa, um caso, sem dúvida, aumenta-se um ponto. Segundo Debus (2006, p. 75), “um ponto na costura da sensibilidade, da emoção, do encantamento que existe na troca entre o ouvir e o narrar”.

Quem não se lembra com saudades e carinho das histórias ouvidas na infância? Que curiosidade nos levava a ouvir conversas dos mais velhos ou que interesses tínhamos nos relatos das visitas? Quantas bruxas, fadas, lobos, boitatás, fantasmas povoavam nossas noites e dias, nossas vidas na infância! É por isso que não podemos deixar findar a arte de contar histórias. Se morreram as rodas em torno da fogueira, do fogão a lenha, nas noites enluaradas, temos a missão de resgatar estas narrativas nas rodas de leitura, hora do conto e momentos de contação de histórias nas salas de aula, praças, em casa ou nas bibliotecas. O conto da tradição oral serve a muitos propósitos, como a formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Serve também como elemento integrador de um trabalho

em sala de aula, bibliotecas e salas de leitura (BUSATTO, 2003).

A contação de histórias age na formação das crianças, contribuindo para seu desenvolvimento intelectual, já que tem o poder de despertar “o interesse pela leitura e estimula a imaginação por meio da construção de imagens interiores e dos universos da realidade e da ficção, dos cenários, personagens e ações que são narradas em cada história (ASSIS, 2012, n.p.). Silveira (1996) enfatiza que, ajudando a criança a compreender seus próprios problemas, estimulando a imaginação, promovendo o desenvolvimento linguístico, suscitando o gosto pelas boas leituras e recreando, o contador centra seu trabalho num aspecto essencialmente educativo, cumprindo uma função de importância relevante, a busca do leitor.

Em tempos em que não havia a imagem, as histórias contadas e passadas através de oralidade de geração em geração ofereciam um divertimento de natureza ímpar, o que estava dentro de cada um, em seus valores subjetivos, ou seja, aquele momento familiar possibilitava o clima intimista na relação entre as pessoas nos momentos da contação de histórias. As histórias formam o gosto pela leitura, pois quando a criança aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou até mesmo as lidas, ela adquire o impulso inicial que mais tarde a atrairá para o livro e a leitura, além de instruir e enriquecer o vocabulário, as histórias ampliam a visão de mundo, ideias e conhecimentos, além de desenvolver a linguagem e o pensamento. As histórias educam e estimulam o desenvolvimento da atenção, da imaginação, observação, memória e reflexão.

Mais do que nunca, as crianças do mundo de hoje necessitam dessa experiência, por viverem constantemente em conta-

to com a tecnologia e com uma grande quantidade de imagens, na maioria das vezes estereotipadas, como por exemplo os heróis televisivos contemporâneos, que acostumam as crianças a experiências com narrativas desprovidas de sentido.

A Biblioteca Pública Infantil e seu papel na formação de leitores

As bibliotecas, e principalmente as voltadas ao público infantil, têm grande importância no desenvolvimento do gosto e hábito da leitura, principalmente aquelas que trabalham com a primeira infância (dos 0 aos 6 anos). De natureza peculiar, exigem modos de organização e classificação específicas e simplificadas.

São poucas as bibliotecas infantis públicas no Brasil. Geralmente existem nas bibliotecas públicas um setor infantil, com acervo literário de livros infantis e revistas em quadrinhos. Temos um grave problema no que tange ao gerenciamento e manutenção das bibliotecas públicas em nosso país, o que faz com que o público infantil fique esquecido por estas instituições. A biblioteca infantil deve ser um espaço lúdico e encantador, pois é o lugar do brincar com os livros e com as letras, do era uma vez, do faz de conta. É o local onde se pode desenhar, ouvir músicas, assistir filmes e teatro de fantoches, ler e ouvir histórias, ela deve ser um convite a brincadeiras, viajar no mundo da imaginação.

A primeira biblioteca infantil no Brasil foi criada em 1934, no Rio de Janeiro e foi dirigida pela grande escritora Cecília Meireles. Mais tarde, na década de 1950, o local foi demolido

como parte do plano de modernização da cidade. A biblioteca tinha uma concepção avançada para a época, pois possuía em seu acervo livros infantis, atividades voltadas para a música, cinema, cartografia e jogos (SENNA; BARBOSA; SOUZA, 2017).

Senna, Barbosa e Souza (2017) mencionam uma fala de Cecília Meireles que diz: “as bibliotecas infantis correspondem a uma necessidade da época e têm vantagens não só por permitirem à criança uma enorme variedade de leituras, mas também por instruírem os adultos acerca de suas preferências”. (SENNA; BARBOSA; SOUZA, 2017, p. 113).

É importante destacar também o pioneirismo nesta categoria de bibliotecas com a bibliotecária Lenyra Fraccaroli que foi responsável pela criação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, na década de 1930, em São Paulo. Este fato foi o marco inicial para a criação da rede de bibliotecas para crianças, existente até hoje. Lenyra foi também autora da primeira bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa: a bibliografia modelar.

Ressalta-se também o esforço de Denise Fernandes Tavares, no início dos anos 1950, ao fundar, em Salvador, a Biblioteca Infantil que também recebeu o nome do escritor Monteiro Lobato. Ambas profissionais também escreveram manuais de organização desta importante categoria de bibliotecas. Outras importantes iniciativas ocorridas ainda na década de 1950 foram a criação de uma biblioteca infantil, em Bagé, e a implantação de uma rede de bibliotecas, em Porto Alegre, cidades no Rio Grande do Sul. Tudo isso graças ao empenho da bibliotecária Lucília Minssen.

Yvette Zietlow Duro destaca o importante papel

dessas três bibliotecárias para a inserção do conceito de bibliotecas infantis no Brasil. Segundo registros da autora, essas mulheres bibliotecárias criaram, naquela época, novas bibliotecas, além de terem otimizado as atividades das bibliotecas que já existiam, fato que as define como empreendedoras e também pioneiras nesse trabalho. (SENNA; BARBOSA; SOUZA, 2017, p. 115).

Duro (1979), afirma que: “Graças ao dinamismo, entusiasmo e persistência dessas bibliotecárias foram estabelecidas as bases do trabalho das bibliotecas infanto-juvenis e formuladas as diretrizes que passariam nortear suas atividades” (DURO, 1979, p. 212). De acordo com Melo (2018) apud Pinheiro e Sachetti (on-line) toda biblioteca necessita de organização, mesmo aquelas menores e de usuários mirins, pois para eles é necessário que a equipe da biblioteca use um sistema de sinalização que contemple códigos de fácil entendimento para as crianças. Como afirma Kuhlthau (2002), antes dos sete anos de idade as crianças não são capazes de desenvolver tarefas que exijam categorização e classificação, portanto, nesta idade será inútil o ensino detalhado de sistemas de classificação.

No caso da Biblioteca Infantil de Sergipe, o acervo foi catalogado através da Classificação Decimal Universal (CDU) e a disposição dos livros nas estantes obedeceu ao critério de duas divisões setoriais e por cores: Literatura Infantil (azul) e Literatura Infanto-juvenil, que atende ao público adulto também (vermelho), com sinalização em adesivo colorido na lombada. Uma maneira fácil de identificar se um livro está incorretamente guardado e os livros estão dispostos nas prateleiras em ordem al-

fabética por título, alguns por coleções e os autores que possuem muitos exemplares, a exemplo de Ruth Rocha, Ziraldo, Ana Maria Machado, estão todos juntos devidamente sinalizados.

Com os avanços tecnológicos e as contínuas mudanças sociais no mundo moderno atual, processos educativos mais criativos e mais dinâmicos são necessários para que haja uma educação permanente. Não basta a criança saber ler, ser letrada, e sim, ter o gosto em frequentar uma biblioteca, participar de suas atividades culturais e despertar para o desejo de continuar sempre lendo, mais e mais. Desta forma, o objetivo maior a ser atingido pelas bibliotecas infantis ao oferecer atividades lúdicas, deve ser a formação cidadã e crítica da criança além é claro, da aquisição de conhecimentos por parte de seu público alvo.

A Biblioteca Infantil tem como função incentivar e estimular a aprendizagem, a criatividade, e a comunicação da criança e do adolescente. É nela que as crianças terão oportunidades de ampliar seus conhecimentos de vida, terão um local propício para a prática de atividades que irão desenvolver habilidades, raciocínio, senso crítico mais aguçado.

Através de projetos voltados ao público infantil a biblioteca pode desenvolver de maneira contínua sementes que serão plantadas e mais adiante frutos que serão colhidos. O processo de formação de leitores é lento e a criação do hábito da leitura deve ser inserido desde cedo na vida das crianças e a biblioteca, com certeza, tem papel importante neste processo. Ouvindo ou lendo histórias sobre outros lugares, outras pessoas, outras culturas, sobre seus medos e inseguranças, sobre suas emoções, a criança descobre valores e desenvolve seu potencial crítico.

O descaso com as bibliotecas públicas no Brasil é bem comum, pois a grande maioria não explora o seu potencial como deveria, não possuem dotação orçamentária para manutenção e atualização de acervos, não possuem profissionais capacitados, e principalmente, a figura do Bibliotecário inexistente. São usadas como depósito de livros velhos e empoeirados, sem critérios de organização, utilizam espaços inadequados e improvisados, sem integração com a comunidade, sem ações voltadas aos interesses do público alvo. Este é o quadro atual e vigente das bibliotecas públicas em nosso país, com raras exceções.

Outro problema grave enfrentado nas bibliotecas brasileiras, e principalmente as públicas, é a rotatividade e descontinuidade das ações e projetos, já que geralmente, a gestão está sob o comando de indicados políticos, pessoas despreparadas e desconhecedoras do papel da biblioteca pública. Poucas são aquelas que têm a sua frente profissionais Bibliotecários concursados.

E quando falamos em público infantil, aí que as coisas se agravam, pois, os setores infantis das bibliotecas, quando existem, ocupam apenas um pequeno espaço com poucos livros, sem estímulo algum para que as crianças possam fazer daquele espaço, um local de vivência, lazer e aprendizado. Daí a importância em se investir mais em Bibliotecas Infantis, focadas nesta fatia do mercado leitor. Quando se trabalha com um público específico, fica mais fácil de se planejar estratégias que atinjam os objetivos propostos.

É interessante citar aqui o que Almeida Júnior (2012) fala em seu artigo Espaços e Equipamentos Informacionais:

As bibliotecas também são vistas como o espaço das normas, dos regulamentos, das proibições. Bebidas e comidas são vetadas: podem sujar, estragar os livros. Bolsas e pertences pessoais devem ser deixados no guarda-volumes (controlados por funcionários da biblioteca ou não)... devoluções em atraso acarretam sanções (multas ou suspensões)... (ALMEIDA JÚNIOR, 2012, p. 27).

À vista disso, podemos perceber que em biblioteca infantil normas e regras existem, porém são bem mais flexíveis por se tratar de crianças. Podemos encontrar regulamento para utilização do acervo por empréstimo, porém, o livre acesso as estantes e a livre escolha do que ler, deve ser um ponto forte quando se pensa na formação do leitor. A leitura deve ser prazerosa e não imposta, obrigatória. A criança precisa ter a liberdade de escolher aquele livro que lhe encanta e atrai, sem que haja restrições neste processo.

O silêncio não existe nestes espaços, a ludicidade e o brincar com a leitura oferecem ao local um tom de prazer e felicidade. A biblioteca infantil não é um local para introspecção, pelo contrário, é um espaço para que a criança possa extravasar sua curiosidade, manipular os livros, sentir o cheiro das páginas e mergulhar no mundo da imaginação através das histórias lidas ou contadas. Sentadas ou deitadas nas almofadas, as crianças ao explorar os livros na biblioteca, deve escolher a forma mais confortável e que a faça sentir-se bem. O principal objetivo de uma biblioteca infantil é despertar o prazer das crianças pela leitura, além de proporcionar um ambiente de estímulo à criatividade e ao raciocínio lógico, que venha a contribuir para o seu desenvolvimento intelectual e de futuro cidadão.

De acordo com o Manifesto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em parceria com a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), espaços para crianças em bibliotecas públicas é primordial, portanto as bibliotecas devem possuir setores com acervo específico para esse público, bem como atividades culturais voltadas para todas as idades. Segundo o Manifesto, os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social e todos os grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades (IFLA, 2013). Destacam-se ainda, pontos importantes para apoiar as bibliotecas infantis:

- a) criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
- b) amparar a educação formal a todos os níveis; estimular a imaginação e a criatividade das crianças e dos jovens;
- c) apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.

Como no Brasil, as bibliotecas escolares praticamente inexistem, e quando existem, não atendem as necessidades da comunidade escolar, servindo de depósito de livros didáticos e sem ação alguma que incentive o alunado ao gosto e hábito pela leitura, as bibliotecas públicas passam a ter responsabilidade ainda maior na educação e no incentivo à leitura de crianças e jovens. Hoje, as bibliotecas públicas são bastante frequentadas por

escolas em busca de atividades extras à sala de aula, que possam complementar suas atividades curriculares.

Os serviços disponibilizados nas bibliotecas públicas de todo mundo têm uma importância imensa não só para as crianças, mas para as famílias e a comunidade como um todo. Uma biblioteca infantil dinâmica e preocupada em atender aos anseios da população na qual está inserida fornece competências para a aprendizagem ao longo da vida e para a literacia, capacitando as crianças para participar e dar sua contribuição positiva para a vida em sociedade. Segundo as diretrizes para serviços de bibliotecas para crianças da IFLA (2001), sua missão se dá:

Através da disponibilização de um vasto leque de materiais e atividades, as bibliotecas públicas facultam às crianças a oportunidade de experimentar o prazer da leitura e a excitante descoberta de obras do conhecimento e da imaginação. Deve ser ensinada, tanto às crianças como aos pais, a melhor forma de tirar o máximo proveito da biblioteca e de desenvolver competências na utilização de materiais impressos e electrónicos. As bibliotecas públicas têm uma responsabilidade especial no apoio ao processo de aprendizagem da leitura e na promoção do livro e de outros materiais para crianças. A biblioteca deve organizar actividades especiais para crianças, tais como sessões de conto e outras actividades relacionadas com os serviços e os recursos da biblioteca. As crianças devem ser motivadas para a utilização da biblioteca a partir de muito cedo, já que tal tornará mais provável que continuem a ser utilizadores no futuro. Em países com mais de uma língua, os livros e os materiais

audiovisuais para crianças devem estar disponíveis na sua língua materna. (IFLA, 2001, n.p.).

Diante de um quadro desanimador por parte dos gestores públicos que gerenciam bibliotecas públicas no Brasil, pois o que mais se ouve são reclamações por falta de investimentos, falta de apoio e de condições ideais para que serviços de qualidade possam ser colocados à disposição da comunidade, mais uma vez, destacamos a necessidade e importância em focar nas políticas públicas que realmente tenham continuidade e possam ser inseridas como política de Estado, e não de governo, já que, a descontinuidade prejudica os resultados a longo prazo, principalmente, quando se fala em formação de leitores. Priorizar a capacidade técnica do profissional bibliotecário frente às bibliotecas, principalmente as públicas, é o que se espera hoje e sempre.

BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL DE SERGIPE: BREVE PERCURSO HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO

Ações culturais desenvolvidas em bibliotecas através de projetos bem elaborados são uma forma de tornar o espaço mais atrativo, dinâmico e vivo. Na Biblioteca Infantil de Sergipe, os sete projetos permanentes foram criados em 2007 com metodologias diversas, com o objetivo de aproximar a comunidade do livro, da leitura e da biblioteca. A execução destes projetos, de caráter permanente e contínuo, transformou a biblioteca e buscou, cada vez mais, aprimorar ações e serviços em prol do público alvo no conhecimento e uso das bibliotecas públicas no Estado de Sergipe.

A mesma foi inaugurada em 29 de outubro de 1974, com o nome de Biblioteca Pública Infantil Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar (primeira coordenadora), sendo à época um anexo da Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dórea. Por conta da Lei Federal nº 6.454 de 1977, a qual proibia a colocação do nome de pessoas vivas em logradouros e outros bens públicos, a Biblioteca precisou ter o nome da Professora Aglaé Fontes retirado, adotando o nome Biblioteca Pública Infantil. Somente no ano de 1985 foi desvinculada da Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dórea e teve como primeira diretora Maria Angélica Góes de Carvalho.

De 1989 a 2002, a Biblioteca Pública Infantil passou por uma série de transformações. Foi gerida por vários diretores, passou por duas reformas, sendo que a última deu a conotação

atual¹⁵. A bibliotecária Claudia Stocker foi diretora da Biblioteca por 11 anos, nos quais se dedicou a diversas ações voltadas ao livro, à leitura e às bibliotecas, deixando o cargo em janeiro de 2019. Nesse mesmo ano a Biblioteca passou a integrar a pasta da Secretaria da Educação, Esporte e Cultura (SEDUC), pois até o ano de 2018 a mesma pertencia à Secretaria de Estado da Cultura (SECULT).

A Biblioteca possui prédio próprio e adequado, construído anexo à Biblioteca Pública Epifânio Dória. Possui seis salas (Direção, Gibiteca, Acervo Geral, Oficinas, Brinquedoteca, Reserva Técnica), copa, área de recepção e três baterias de sanitários, dois para o público e um para os funcionários. A área central é destinada à realização das ações principais, área descoberta e gradeada para circulação. Recebe até 50 crianças por turno. Com exceção dos banheiros, a estrutura é adaptada para receber portadores de necessidades especiais, como rampa de acesso e portas largas (Figura 1). A mesma possui também um túnel subterrâneo que liga as duas bibliotecas, bem como estacionamento para deficientes físicos e idosos.

A Biblioteca tem como foco atender o público local da capital Aracaju e interior do estado de Sergipe. É aberta à comunidade em geral, escolas, instituições e Organizações Não-Governamentais (Ongs) que assistem crianças em situação de pobreza e vulnerabilidade. Também recebe pessoas de outros estados por ocasião do Encontro de Contadores de Histórias de Sergipe, evento realizado anualmente no mês de março com seu apoio e organização até

15 Todas as informações sobre a Biblioteca foram retiradas de seu *site*. Disponível em: <http://mapa.cultura.aracaju.se.gov.br/espaco/14125/>. Acesso em: 20 maio 2019.

o ano de 2018. Até o ano de 2018, possuía em seu quadro de recursos humanos: um servidor público (auxiliar administrativo), dois servidores terceirizados (serviços gerais e auxiliar administrativo), um estagiário de nível universitário, três estagiários de nível médio e uma bibliotecária (diretora em cargo comissionado).

A mesma oferece múltiplas possibilidades de leitura, entretenimento e pesquisa ao público infantil e infanto-juvenil, levando-os a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo. Contribui para a formação de leitores, incentivando o hábito de leitura entre as crianças, a fim de estimular a imaginação criadora e a prática do exercício da cidadania. Seus principais serviços são: empréstimo domiciliar, leitura e pesquisa local e ações culturais, tais como contações de histórias, teatro de fantoche, mediação de leitura, exposições, concursos, gibiteca, brinquedoteca, oficinas e mini-cursos, palestras, encontros e lançamento de livros.

A Biblioteca no decorrer de 11 anos (2007-2018) passou a ser referência em biblioteca pública no estado. De um acervo formado inicialmente por apenas quatro mil livros e dois mil gibis, aumentou consideravelmente para 11 mil livros e cinco mil gibis, fruto de campanhas de doações e compras. Teve seu acervo informatizado, o que facilitou o processo de busca e recuperação da informação. Ampliou seu leque de serviços e atividades, passando a ser frequentada mensalmente, além de servir de laboratório para alunos dos cursos de Biblioteconomia, Pedagogia, Letras e Teatro, dentre outros.

Projetos permanentes desenvolvidos

Os projetos permanentes desenvolvidos ao longo dos 11 anos na Biblioteca Infantil refletem a importância em se manter o espaço dinâmico e vivo como deve ser uma Biblioteca Pública. Oferecer serviços diferenciados e de qualidade que visam tornar o espaço atrativo, dando continuidade aos projetos já desenvolvidos. O quadro abaixo traz uma relação dos projetos desenvolvidos.

Quadro 1- Projetos permanentes desenvolvidos na Biblioteca

Nome do Projeto	Ano de Criação	Descrição	Público Alvo	Objetivo
1,2,3... ERA UMA VEZ	2007	Aborda temáticas significativas, dinâmicas de leitura, oficinas de artes e literatura, exposições, teatro de fantoches, dramatizações e contações de histórias, encontro com escritores, lançamento de livros, entre outras atividades.	Crianças de todas as faixas etárias da comunidade, escolas e demais instituições.	Inserir a criança no universo literário através do lúdico, além de incentivar o gosto e hábito pelos livros.
LEITOR DESTAQUE DO ANO	2007	Iniciou com a premiação de 10 leitores e atualmente, premia os 5 mais assíduos do ano. A premiação é realizada no final de ano, em evento em que os destaques recebem certificado, tem sua foto colocada na galeria de leitores do ano que fica na recepção da biblioteca e recebem kit's de livros e outros prêmios.	Usuários cadastrados na Biblioteca – Crianças e Adultos.	Premiar leitores que mais utilizam o acervo para empréstimo domiciliar durante o ano.

TROCANDO LEITURAS	2008	Formado por acervo de duplicatas de literatura infantil, infanto-juvenil e adulta, recebidos por doações e que a biblioteca já possui. O projeto não recebe livros didáticos.	Qualquer pessoa da comunidade. Crianças, jovens e adultos.	Possibilitar a troca de livros e gibis pela comunidade.
TELA LITERÁRIA	2015	Utiliza temáticas específicas (poemas, autores sergipanos, lendas, contos de fadas, fábulas, quadrinhos, cordel, entre outros) através da mediação de leitura.	Crianças que frequentam a biblioteca.	Abordar temáticas através da mediação para que as crianças possam interagir com o mediador.
#EuLeio	2016	Uma parceria com a Rede Ler e Compartilhar de Maceió-AL, programa de circulação de acervos e formação de leitores, o projeto aposta no poder dos livros e da mediação literária orientada como um potencial ilimitado para a transformação social e o acesso à cidadania. Possui atualmente 10 sacolas com 40 títulos em escolas públicas da capital e interior. De 6 em 6 meses as sacolas são trocadas e os professores trabalham projetos de leitura que são acompanhados e avaliados pela Diretora da Biblioteca Infantil e a Coordenadora da Rede Ler e Compartilhar, Claudia Lins.	Alunos de Escolas Públicas do Ensino Fundamental e Médio.	Criar e dinamizar ações de leitura nas escolas públicas de Sergipe que não possuem biblioteca ou acervo adequado.

LEITURA PREMIADA	2017	Visa promover o acervo literário da biblioteca, incentivando seu uso com o empréstimo domiciliar. Alguns vale-brindes são colocados dentro dos livros e quando o usuário fizer o empréstimo, poderá achar o vale-brinde e ganhar brindes diversos.	Usuários cadastrados na Biblioteca – Crianças e Adultos	Promover a utilização do acervo e incentivar a leitura.
APRENDER E CAPACITAR	2017	Oferece à comunidade (professores, gestores de bibliotecas, comunidade em geral), oficinas temáticas diversas com carga horária de 4 horas. Ministradas por profissionais de diversas áreas que voluntariamente se dispõem a capacitar àqueles que estão em busca de conhecimento.	Comunidade em geral	Oferecer serviços a comunidade compartilhando conhecimentos.

Fonte: dados compilados da própria autora, 2019.

Com base nos projetos descritos no quadro acima, é possível observar que cada um foi pensado com o intuito de favorecer a comunidade que frequenta a Biblioteca, desde as crianças até os adultos, já que a criança, por si só, não pode frequentar a biblioteca sozinha e sim na companhia de um adulto. Desta maneira, incluir os adultos, sejam professores, pais, ou demais pessoas da comunidade nas ações da biblioteca faz com que a mesma atinja seu caráter de espaço sociocultural, o qual dispõe de produtos e serviços informacionais para a comunidade em geral.

Estatísticas de uso da biblioteca

Ações de Contação de Histórias aconteciam no interior da Biblioteca Infantil. Em 2009, 2010 e 2011 um grande projeto foi executado junto às bibliotecas públicas do estado: o Projeto Livro Vivo, que beneficiou nove mil crianças de escolas públicas municipais e estaduais com a distribuição de *kits* de livros da Editora Paulus. Contações de histórias aconteciam nos ambientes das bibliotecas Epifânio Dória e Infantil. Em 2013 percebe-se uma queda nos números devido a uma greve dos professores das escolas públicas que perdurou por alguns meses, impedindo assim, as escolas de levar os alunos às atividades ofertadas pela biblioteca. Nos anos seguintes a frequência voltou a crescer com a inclusão de novos projetos e o início da divulgação das ações nas redes sociais (Facebook e Instagram) criados para a biblioteca, conforme observa-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência anual de pessoas¹⁶

Ano	Frequência
2007	1.640
2008	9.453
2009	7.238
2010	4.726
2011	4.279

16 Os números foram obtidos através da contagem das assinaturas do livro de frequência, do número de usuários que realizaram empréstimo domiciliar e da quantidade de pessoas que participaram das atividades culturais realizadas no período. No entanto, nesses eventos muitas pessoas não assinam o livro, e por isso, não são contabilizadas, podendo ser esse número superior.

2012	5.341
2013	3.213
2014	4.731
2015	6.023
2016	5.916
2017	7.329
2018	6.913
<hr/>	
Total	66.802

Fonte: Relatórios anuais da Biblioteca Infantil, 2019.

Pode-se observar que no início da implantação do primeiro projeto, no segundo semestre de 2007, o público ainda tímido passou a conhecer o espaço e a frequentá-lo. Para um local que não trabalhava nenhuma atividade de leitura, os números mostram o crescimento considerável conseguido em 2008 e 2009, quando da realização de duas edições da Feira do Livro de Sergipe. O evento foi uma parceria entre o Governo do Estado através SECULT, o colégio Nossa Escola, a Biblioteca Pública Epifânio Dória e a Biblioteca Infantil. Durante esses eventos, na área externa das bibliotecas Epifânio Dória e Infantil foram montados *stands* de livrarias e editoras e na área interna das mesmas aconteceram palestras, oficinas, contações de histórias e exposições. Tais atividades reuniram um público estimado de aproximadamente 50 mil pessoas em um período de sete dias.

A Tabela 2 refere-se ao número de empréstimos domiciliares realizados nos anos de 2007 a 2018. Observa-se que começou timidamente, já que o serviço não era oferecido anteriormente pela Biblioteca, e, aos poucos, as pessoas passaram a conhecer o

acervo que estava à disposição dos usuários. Nos anos de 2008 a 2013 a Biblioteca passou a emprestar livros para professores, que puderam levar até 50 livros por empréstimo para trabalhar em sala de aula por um período de 20 dias. Após 2013 iniciou-se uma queda no número de empréstimos devido a vários fatores. Dessa maneira, em 2017 iniciou-se o Projeto Leitura Premiada com o objetivo de atrair os leitores, já que em 2016 a quantidade de livros emprestados foi bem inferior. Em apenas dois anos, pode-se avaliar como positivo o Projeto Leitura Premiada, já que houve um aumento considerável nos empréstimos. Em 2018 os dados foram coletados até o mês de julho, pois em agosto a Biblioteca Infantil fechou para reforma.

Tabela 2 – Empréstimo de Livros

Ano	Empréstimos
2007	618
2008	1.508
2009	794
2010	1.279
2011	780
2012	1.431
2013	1.107
2014	969
2015	812
2016	456
2017	976
2018 (até Julho)	695
Total	11.425

Fonte: Relatórios anuais da Biblioteca, 2019.

O Projeto Leitura Premiada ,criado em 2015, alavancou o número de novos usuários cadastrados para utilizar o acervo por empréstimo domiciliar. Em 2015, foram 76 novos cadastros; em 2016, 51 novos cadastros; 2017, 71 novos cadastros e em 2018 até o mês de Julho, 72 novos usuários foram cadastrados, conforme demonstrado na tabela 3.

Tabela 3 – Novos Cadastros realizados

Ano	Cadastros
2015	76
2016	51
2017	71
2018 (até Julho)	72
Total	270

Fonte: Relatórios anuais da Biblioteca, 2019.

O próximo tópico abordará a percepção dos contadores de histórias, ex-estagiários e professores que frequentaram e atuaram na Biblioteca Infantil de 2007 a 2018. Questionários foram aplicados junto a alguns contadores de histórias que participaram das ações da biblioteca desde a implantação do Projeto 1,2,3...Era uma vez em 2007; com ex-estagiários que fizeram parte do quadro no período e também com professores que periodicamente levavam turmas de alunos para participar das ações oferecidas pela Biblioteca Pública Infantil de Sergipe.

Ex-estagiários

Na coleta de dados para a pesquisa, foram aplicados nove questionários a ex-estagiários (sete de nível superior e dois de nível médio), os quais passaram pela biblioteca no período de 2008 a 2018. Antes de 2007, a Biblioteca só contava com três funcionários: um diretor, um servidor público e um auxiliar de serviços gerais. Estagiários só passaram a fazer parte do quadro a partir do segundo semestre de 2007, com a contratação de alunos graduandos universitários do curso de Letras. A princípio eram dois estagiários, um no turno matutino e outro no vespertino. Os estagiários de nível universitário tinham carga horária de seis horas diárias e os de nível médio quatro horas, de segunda a sexta-feira. A partir de 2011, novas vagas foram disponibilizadas, desta vez para estudantes de nível médio. Todos foram devidamente selecionados através de entrevista e escolhidos os que possuíam o perfil desejado. Os serviços foram ensinados para que os mesmos pudessem fazer atendimento ao público, dar informações e apresentar a biblioteca, ajudar na organização do acervo, executar tarefas rotineiras de empréstimo e devolução de livros, além de realizar ações de contações de histórias, mediação de leitura, ministração e participação de oficinas temáticas, dentre outras atividades.

Aprendizado adquirido e sua interferência na vida profissional

O questionário contou com duas perguntas abertas. Ao serem questionados em como o aprendizado adquirido no perí-

odo estagiado interferiu de alguma maneira na sua vida profissional, os ex-estagiários foram muito positivos. Três do curso de Biblioteconomia responderam a essa questão. O ex-estagiário 1 respondeu que foi:

Gratificante e de muito aprendizado e que no período em que estive na biblioteca infantil, aprendeu a mediar leitura, contar histórias, entre outras coisas, e isso a ajudou a melhorar o seu trabalho, hoje em uma biblioteca escolar, dando ideias de projetos a serem desenvolvidos.

O ex-estagiário 2 afirmou ser:

Uma experiência que lhe permitiu amadurecer tanto profissionalmente, quanto pessoalmente. Na biblioteca ela se firmou enquanto profissional contadora de histórias, lhe foi permitido um aprendizado prático na área administrativa de um espaço lúdico, como trabalhar em equipe, além de estimular a criatividade e o desenvolvimento artístico, bem como a projeção como profissional contadora de histórias por meio de oficinas e atividades executadas. Graças ao período que estagiou na biblioteca infantil, conquistou notoriedade como profissional oficineira e contadora de histórias, adquiriu conhecimentos como profissional bibliotecária, que hoje é, além de estar capacitada para promover ações culturais em espaços informacionais e de lazer.

o ex-estagiário 3 respondeu que:

Foi muito gratificante e com certeza interagi de forma positiva com os pequenos leitores. Foi um prazer participar da vida de cada um deles. Com estágio na biblioteca, levou para sua vida a importância de começar bem cedo a leitura com crianças e com certeza, na sua vida profissional irá levar tudo o que aprendeu e tentará realizar projetos de leitura para os pequenos.

A ex-estagiária de Pedagogia respondeu que:

Foi gratificante e lá consegui aprimorar a contação de histórias e desenvolver outras habilidades enquanto aprendia a lidar com crianças e adultos. Conheceu novos autores e literaturas. Todo aprendizado adquirido só agregou na sua vida profissional.

Para o estagiário número 7 (Teatro):

Estagiar na Biblioteca Infantil foi maravilhoso. O trabalho com o público infantil é excelente e o desenvolvimento de atividades acontecia de maneira muito dinâmica. Consegui conciliar o Teatro com a prática na biblioteca, entendendo os desafios do dia a dia. Foi ótimo.

Sabe-se que estar em uma sala de aula é uma coisa, trabalhar é outra e não há nada melhor que um estágio para fazer a ponte entre os dois segmentos. O estágio é um período de apren-

dizado muito válido, além de ser a melhor maneira de começar a descobrir o mundo profissional, quando é possível testar (e errar) na prática. Desta forma o ex-estagiário 8, contador de histórias do curso de Educação Física afirmou que:

O estágio foi interessante do ponto de vista de que, para manter o público, a biblioteca desenvolvia atividades diferenciadas, mantendo-se assim constantemente cheia, um desafio interessante para bibliotecas em virtude das novas formas de se obter informação na sociedade moderna. Por ser contador de histórias, o desafio de ter o público se repetindo constantemente me fez buscar uma atualização nas histórias ou mesmo na forma de contá-las.

E finalizando, é importante mencionar o ex-estagiário nove (curso de Teatro, formado em Letras e também contador de histórias), o qual iniciou alguns projetos de capacitações com oficinas, ações de extensão e manipulação de fantoches, que fizeram parte das atividades realizadas até 2018. E para ele:

Foi uma experiência desafiadora, pois ter a atenção de uma turma de crianças ou adolescentes não é fácil, mas havia naquele espaço materiais para ajudar neste trabalho e isso fez toda a diferença. A começar pelo material humano, a diretora da biblioteca, Claudia Stocker, sempre muito criativa e solícita, se reunia comigo e fazíamos uma programação mensal. Para mim a ferramenta chave foi a contação de histórias, trazê-las através da oralidade era, ao mesmo tempo, um exercício para mim de leitura e vivência de tudo que estava guardado nos livros

daquela acervo. Como eu estudava teatro, na UFS, me atrevia, muitas vezes, usando alguns recursos de expressão gestual e oral para que as narrativas dessas histórias viessem vivas de sentimentos e “prenhes de intenções”, parafraseando o escritor e doutor em literatura, Celso Sisto. Eu poderia descrever em muitas laudas sobre essa experiência na biblioteca pública, porém o mais importante foi perceber que o incentivo a leitura não é algo tão difícil quando se tem a própria história do livro como inspiração e pessoas inspiradoras como Claudia Stocker. E continua, “Dar ‘vida’ às histórias que eu lia interferiu no meu modo de ensinar, como professor de teatro ou fazendo alguma oficina, a dinâmica é muito importante, o ritmo que cada história imprime conduz o ouvinte e, por isso, é preciso se reinventar a cada leitura, assim como no ensino em sala de aula.

Partindo para o de nível médio, obteve-se a seguinte resposta:

No começo achei um desafio, até porque lidamos com educação diferente nas crianças ricas ou pobres. E víamos essa diferença constante. Mas, foi um desafio que valeu a pena. Quando digo que já fui estagiária da biblioteca pública infantil, as pessoas sempre me perguntam como era, o que eu fazia, cria uma boa curiosidade por parte delas.

Outro ex-estagiário de nível médio respondeu que o aprendizado “irá interferir positivamente em sua vida, pois

aprendeu muita coisa boa e que a experiência foi enriquecedora, aprendeu muito com as crianças e com as colegas de trabalho”. Os ex-estagiários disseram acreditar que o conhecimento disponibilizado pela Biblioteca tem o poder de transformar a vida das pessoas. Com estas declarações pode-se comprovar que a Biblioteca Infantil de Sergipe cumpriu seu papel de disseminadora do conhecimento podendo fazer parte da trajetória profissional das pessoas que por lá passaram e deixaram seu legado. Foi uma troca de competências e saberes que enriqueceu ainda mais a história da biblioteca.

Fatos marcantes para os ex-estagiários

Saber de fatos marcantes que foram importantes para aqueles que fizeram parte da trajetória nos 11 anos da Biblioteca Infantil de Sergipe é, sem dúvidas, algo importante para este trabalho. Nesta seção serão apresentadas as respostas dos ex-estagiários à última pergunta do questionário: O que mais lhe marcou no período do estágio?

Quadro 2 – Respostas dos ex-estagiários

Estagiário 1	Disse que foram muitos momentos marcantes, porém citou a receptividade dos colegas, a disponibilidade da diretora para ensinar o “fazer bibliotecário”, a alegria das crianças de escolas mais carentes ao terem contato com a Biblioteca.
---------------------	--

Estagiário 2	Enfatizou a possibilidade que teve em conhecer e conviver com profissionais das áreas de Educação, Biblioteconomia e Artes. A participação nos encontros e eventos voltados para o incentivo à leitura e à transformação social, à promoção da cidadania, além de amizades que ultrapassaram o espaço da Biblioteca.
Estagiário 3	Mencionou as oficinas de contação de histórias que aumentaram e abriram um grande leque de conhecimento e falou do mês de outubro, que era recheado de atividades lúdicas em comemoração ao dia da criança.
Estagiário 4	Lembrou que todas as tardes eram realizadas contações de histórias para alegrar as crianças, enfatizando o sorriso no semblante delas, principalmente das crianças de colégios estaduais, para as quais que tudo ali era uma novidade. Toda experiência foi muito gratificante.
Estagiário 5	Enfatizou a oportunidade que teve em trabalhar com diversas idades e ,principalmente, com crianças especiais.
Estagiário 6	Falou sobre a importância do contato com as crianças e como a literatura é importante para a formação delas e dos jovens.
Estagiário 7	Citou a contação de histórias e o atendimento ao público infantil como marco em suas experiências.
Estagiário 8	Reforçou que os dias de evento, nos quais ele tinha que contar histórias por várias horas, o fez valorizar os profissionais que trabalham com o uso da voz, como professores ,por exemplo.

Fonte: questionários aplicados pela própria autora, 2019.

A seguir, o ex-estagiário 9 lembra que foram muitas as situações marcantes. Afirma que carrega a biblioteca com ele até

hoje, ou parte dela. Isso seria apenas força de expressão se não fosse uma boneca de espuma com nome de Flavinha; ela era parte dos elementos usados para ilustrar ou contar uma história na biblioteca, mas quando terminou o seu período de estágio, teve o prazer de ser presenteado com a boneca que aprendeu a manipular e dar personalidade. A maior interferência profissional que a biblioteca pôde lhe dar foi justamente essa garotinha feita de espuma que continua contando suas histórias em outros locais públicos, como no Museu da Gente Sergipana, por exemplo.

E continua com um relato importante que vale a pena citar. O que realmente lhe marcou neste período foi um fato acontecido em um dia de atividade comum, onde uma turma de alunos foi recebida, e havia uma menina cega dentre eles:

Um belo dia eu estava me preparando para contar histórias na Biblioteca Pública Aglaé Fontes, onde estagiava. Recebíamos turmas de escolas públicas em dias agendados. Eu havia preparado uma história usando elementos visuais e pedi a participação de três alunos nessa construção. Para minha surpresa, uma menina, sorridente e visualmente empolgada para participar era deficiente visual. Naquele momento pensei: E agora? Então, concentrei-me na narrativa com mais cuidado e, os próprios colegas que também foram escolhidos ajudaram naturalmente a colega cega em diversos momentos. Foi inspirador perceber a lição que eu recebera naquele instante. Ela fez o que minha narração pedia, usou o tempo certo e os colegas atentos para alguma necessidade de condução. Ao final da história, ela pediu para me conhecer e me

enxergou com as pontas dos dedos em meu rosto, sempre sorridente e dizendo ter gostado da história. Alguns meses depois, eu estava na recepção da biblioteca conversando com alguém e de repente ouço uma voz dizendo: Eu conheço essa voz, é o homem das histórias. Ainda hoje me emociono quando lembro o sorriso daquela menina e de ser reconhecido por ela como o homem das histórias. (Fato ocorrido na Biblioteca em 2009 - Estagiário 9).

Este relato foi enviado em 2016 para um concurso nacional de bibliotecas públicas (Premio Valeu Biblioteca!), no qual pediam o relato de um fato especial ocorrido em uma biblioteca pública. Para nossa surpresa, a história foi a vencedora e teve como premiação R\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos reais) para compra de livros.

Contadores de Histórias

Contar histórias, encantar, transformar vidas. Fazer a imaginação alçar voos por mundos nunca antes explorados. Esta é a missão do contador de histórias ao tirar dos livros ou da oralidade popular personagens fantásticos que povoam os contos, as fábulas, as histórias infantis. Muitos deles estiveram presentes nas ações e projetos desenvolvidos na Biblioteca Infantil de Sergipe ao longo dos últimos anos e cada um, com seu perfil, sua maneira pessoal de contar, fez do Projeto 1,2,3...era uma vez, o “carro-chefe” das atividades da biblioteca. Foram aplicados 10 questionários com os contadores de histórias, parceiros que, por

diversas vezes, contribuíram voluntariamente com os projetos desenvolvidos. Todos com no mínimo cinco e no máximo 21 anos de experiência com a contação de histórias.

Segundo Bortollin (2012 apud ALMEIDA JÚNIOR, 2012), a biblioteca pública quase sempre está localizada nos centros das cidades, em prédios históricos e imponentes, porém contrastam com os acervos desatualizados e mal acondicionados, móveis antigos, estantes inadequadas e abarrotadas de livros, o que de certa forma, afasta o usuário. Como observou-se na Biblioteca Infantil de Sergipe, os frequentadores elogiaram o ambiente por atender as necessidades para os quais foi designado e oferecer condições para que as ações fossem executadas. Um ambiente decorado para que a criança pudesse se sentir a vontade em seu universo mágico da literatura infantil. As bibliotecas são vistas geralmente, como espaços das normas, dos regulamentos, das proibições e do silêncio. A biblioteca infantil vai de encontro a tudo isso, pois ela está ali para atender às crianças, e para isso, precisam sentir-se livres, à vontade para explorar as estantes, folhear os livros, encantar-se com as histórias.

Perguntados sobre o ambiente físico da biblioteca a maior parte dos contadores respondeu que achava o ambiente bonito e agradável, amigável e divertido; mas também reconheceu que ele necessitava de melhorias. Podemos observar que o ambiente da biblioteca era atrativo e atendia às necessidades dos frequentadores, mesmo necessitando de melhorias, já que não possuía climatização e sua aparência externa precisava de pintura geral. Ao adentrar na biblioteca, crianças e adultos ficavam encantados com a organização e decoração da mesma.

Outro questionamento feito foi sobre o nível de satisfação dos contadores de histórias com relação à participação nos projetos permanentes desenvolvidos na Biblioteca Infantil de Sergipe no período, já que muitos estiveram presentes desde 2007, quando da realização da primeira contação. De acordo com as respostas, percebe-se que o nível de satisfação dos contadores foi super positivo e superou as expectativas, o que fortalece a certeza de que a contação de histórias é uma atividade feita com prazer por aqueles que a executam, seja em que modalidade for, pois os projetos que envolviam a contação na Biblioteca Infantil eram executados em vários lugares, para faixas etárias diversificadas e em momentos distintos.

Os contadores estão por toda parte: escolas, bibliotecas, creches, asilos, abrigos, hospitais, praças. Organizam-se em encontros e outros eventos. A ideia de realizar um evento em Sergipe que reunisse os contadores de histórias, surgiu em uma das reuniões do Comitê Sergipano do Proler em 2009 e, assim sendo, pensou-se no ENCONTRO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DE SERGIPE, evento anual de dois dias que reúne contadores e educadores de Sergipe e de outros estados, em torno de discussões a respeito da arte de contar histórias como elemento integrador entre o livro e a leitura, aprofundando o entendimento das histórias infantis, debatendo o valor literário, o significado simbólico e o impacto cultural das histórias na formação de leitores, além de disseminar esta milenar arte da oralidade. O 1º Encontro foi realizado em 18 de março de 2009 e reuniu 160 pessoas em torno de debates, oficinas e rodas de contação. Em 2020 o encontro irá para sua 10ª edição, já tendo se consolidado como

evento anual e tendo Sergipe na rota de eventos nacionais da Contação de Histórias.

E com esta trajetória de 11 anos realizando oficinas e cursos de contação tanto na Biblioteca Infantil quanto no Encontro de Contadores, vários profissionais foram sendo descobertos e esta grande rede ampliando. Desta forma, em 2018, nasceu a ASCH – Academia Sergipana de Contadores de Histórias, que conta atualmente com 16 acadêmicos entre contadores de histórias, pesquisadores, escritores e outros profissionais que trabalham com a oralidade. A Academia vem para contribuir com a disseminação desta arte milenar.

Quando perguntados se a contação de histórias é uma ferramenta que pode incentivar o gosto e hábito pela leitura, afirmaram que a mesma é uma maneira de introduzir a criança no mundo da leitura, através da oralidade literária das narrativas. É uma ferramenta excelente para o mediador ou professor lecionar suas aulas com mais praticidade, interdisciplinaridade e ludicidade, além de incentivar a criatividade e imaginação.

É inegável o poder transformador que as bibliotecas podem exercer na vida das pessoas. Todos os contadores afirmaram que acreditam no poder transformador da Biblioteca Infantil na vida dos que a frequentam. Uma das contadoras de histórias foi mais além e complementou que as bibliotecas têm um importante papel pedagógico e de valorização dos textos literários (contadora que atualmente é escritora e atua como contadora em Uberlândia, Minas Gerais).

Professores frequentadores

A criança não tem como ir até a biblioteca sozinha, posto isto, as turmas de escolas públicas ou privadas eram as que mais frequentavam a Biblioteca Infantil de Sergipe e suas ações. Foram aplicados 10 questionários junto a professores, que comumente levavam suas turmas até a biblioteca e alguns dos resultados serão apresentados. Os professores eram oriundos de escola pública municipal, escola pública estadual e também de escolas particulares, mostrando que o público da Biblioteca Pública Infantil era bem eclético.

Grande parte das escolas que frequentavam a Biblioteca Infantil iam mais de uma vez ao ano, geralmente nos meses de abril, agosto e outubro, meses de maior número de atividades, por ter datas significativas. A partir de 2015 alguns projetos foram implantados, a exemplo do Teia Literária, o que demonstra o maior número de escolas responderem que frequentaram no período de 2015 a 2018. Perpassando todo o período (2007-2018), as crianças da educação infantil (3 a 5 anos) e do ensino fundamental menor (1º ao 5º ano) predominaram numericamente na participação dos projetos da Biblioteca. Com um público diversificado, a Biblioteca Infantil de Sergipe era aberta à comunidade como um todo, e tinha a contação e o teatro de fantoches como atividades basilares.

Sabe-se que a biblioteca escolar praticamente inexistia nas escolas do país, por isso a biblioteca pública exerce grande importância no que diz respeito ao acesso gratuito ao livro e às atividades culturais, além de servir de atividade de extensão para os professores. Por isso, perguntou-se aos mesmos se na escola

onde trabalhavam havia biblioteca ou um local reservado para os livros. Como era de se esperar, sobressaiu-se a presença de cantinhos de leitura e salas de leitura. No estado de Sergipe não há bibliotecas estruturadas na rede (tanto em âmbito estadual quanto municipal), nem tampouco o cargo de bibliotecário.

A falta de bibliotecas nas escolas pôde ser comprovada neste trabalho, os cantinhos de leitura se faziam presentes nas salas de aula para dar acesso à leitura dos alunos. A sala de leitura é outra forma que as escolas encontram para descaracterizar as bibliotecas, reduzindo investimentos e dispensando a contratação de profissionais bibliotecários. Observa-se em Bortolin (2012) que as salas de aula são prioridade no planejamento das escolas ou de mudanças que se façam necessárias na instituição, já o mesmo não acontece quando falamos em biblioteca. Muitas escolas nem pensam em criar o espaço biblioteca e pior, os responsáveis nem mesmo percebem sua falta dentro da estrutura da escola, o que é lamentável.

Os professores responderam sobre o nível de satisfação deles na participação dos projetos permanentes desenvolvidos no período, já que muitos estiveram presentes desde 2007, quando da realização da primeira contação realizada. Para a metade deles, o nível de satisfação com as atividades da biblioteca superou as expectativas, e outros relataram que o nível de satisfação era ótimo e bom. Observa-se como as respostas dos professores foram positivas, assim como dos contadores de histórias, já que a opção mais demarcada por ambos foi a superação das expectativas.

Quando perguntados se a contação de histórias é uma ferramenta que pode incentivar o gosto e hábito da leitura em

crianças, jovens e adultos, os professores foram categóricos em suas colocações e demonstraram acreditar que a pessoa aprende a ler lendo ou escutando uma boa história, além de acreditar ser a mais eficaz ferramenta para incentivar o gosto pela leitura; as crianças aprendem muito vendo e ouvindo. Despertam a criatividade, a imaginação, tornam-se pessoas críticas e, através das histórias, pode-se trabalhar qualquer tema. Outro professor enfatizou que é necessário que os responsáveis pela criança também façam sua parte, criando em sua casa um horário em que a criança manuseie livros; a escola também deve desenvolver várias ações para que o momento da leitura aconteça e seja prazeroso.

HORA DE LER

- O Pequeno Polígono
- O Desempenho Político de Crambo
- O Leão e o Ratinho
- O Casamento da Dona Baratinha
- O Violino Mágico
- A Festa no Céu

HORA DE LER

O Leão e o Ratinho



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O encanto sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. A criança em qualquer época ou espaço tem atração pelas histórias, contadas ou lidas. São ouvintes incansáveis de aventuras e narrativas, e é por isso que o livro da criança que ainda não lê é a história contada. É necessário ouvir histórias, ler bons livros, para que possamos ter referências para fazer nossas próprias construções e criar também nossas próprias histórias.

A literatura infantil, em suas diversas vertentes (contos de fadas, fábulas, personagens maravilhosos) , pode ser decisiva para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. Nas atividades realizadas em bibliotecas públicas, principalmente nas infantis, as narrativas têm um poder muito grande de encantar as crianças. Certamente, não as encanta porque são apenas “historinhas”; pois o leitor infantil possui uma sensibilidade estética, na maioria das vezes, maior do que a dos adultos. São mais espontâneos e exigentes. Gostam daquilo que as toca na alma e revela-lhes desejos, mistérios e descobertas, e isto se percebe no olhar atento de cada pequenino.

Os mediadores de leitura e contadores de histórias são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmos. Eles semeiam sonhos em nosso imaginário e esperanças em nossos corações. É por isso que esta ação está presente nas atividades desenvolvidas nas bibliotecas infantis, com o objetivo de aproximar as crianças do universo li-

terário, utilizando recursos lúdicos das artes cênicas que despertam o prazer de ouvir histórias fantásticas, reais ou imaginárias. Assim sendo, estamos contribuindo para a formação de leitores, tornando-os frequentadores assíduos daquele espaço cultural, como mostramos nos dados estatísticos de frequência anual da Biblioteca Pública Infantil de Sergipe no período de 2007 a 2018, após a implantação do Projeto 1,2,3... Era uma vez.

Portanto, a arte de contar histórias apresenta-se como um convite à imaginação e ao incentivo à leitura e como ação cultural continuada em Bibliotecas Públicas, tem se mostrado uma forte ferramenta de gestão para o profissional bibliotecário, seja ele um contador de histórias ou não. Que as crianças possam encontrar no ambiente das bibliotecas públicas um local prazeroso e encantador que as convide a viajar no reino do “Era uma vez”.

As bibliotecas públicas, principalmente as infantis, carregam uma importante função – a de agregadora de vidas e de sonhos. Poder abrir suas portas à comunidade e levar às crianças a possibilidade de viajar no universo literário, divertir-se nas páginas das histórias em quadrinhos, criar através dos desenhos, soltar a imaginação e transformar, nem que seja por alguns instantes, o imaginário em real, é o que faz da biblioteca infantil um lugar mágico.

Temos a certeza de que a Biblioteca Pública Infantil de Sergipe conhecida e referenciada por muitos anos com o nome da patronese ilustre, profa Aglaé D’Ávila Fontes de Alencar, em seus 44 anos de existência deixou Sergipe em evidência entre os poucos estados que mantêm uma biblioteca pública infantil. Acredita-se que este trabalho, realizado com muita dedicação, é um importante legado da memória cultural e educacional sergi-

pana. Uma história tão bela e frutífera não poderia se perder no tempo sem seu honroso registro, cientes da contribuição educacional da Biblioteca na vida das crianças e adultos que se envolveram com seus projetos ao longo destes 11 anos.

É lamentável saber que aquele espaço mágico descrito nas páginas acima, que abrigou um acervo de 11 mil livros, teve a única Gibiteca do Estado, brinquedoteca, sala de oficinas e capacitou centenas de pessoas na arte da contação de histórias e mediação de leitura, que deu voz aos bonecos de fantoche, divertiu, alegrou e transformou vidas, se vê agora ameaçado diante da realocação do seu local de origem para dar espaço a setores administrativos do governo. Após a reforma estrutural iniciada em agosto de 2018 e entregue no dia 14 de junho de 2019, o acervo da Biblioteca Infantil de Sergipe passa a ocupar uma sala da Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dória, passando a ser agora, apenas um setor infantil. Seu legado e história ficam aqui registrados para que possam servir de inspiração para outras bibliotecas no país e mostrar que, quando se tem gestores capacitados e engajados com o fazer biblioteconômico, é possível transformar espaços, antes ociosos, em locais dinâmicos e vivos.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura**: teoria, avaliação e desenvolvimento. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Espaços e equipamentos informacionais. In: BARBALHO, Regina Simonetti (Org.). **Espaços e ambientes para leitura e informação**. Londrina: ABECIN, 2012. p.11-32.

ALVES, Luiza Maria Leite Machado. **Leitura de fábulas e escrita**: um percurso de subjetivação ética do aluno-professor. Orientadora: Elzira Yoko Uyeno. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- Universidade de Taubaté, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp037940.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.

ARAÚJO, Ana Paula de. **Gênero literário**. InfoEscola, s.d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/genero-literario/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ARAÚJO, Felipe. **Irmãos Grimm**. InfoEscola, s.d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/irmaos-grimm/>. Acesso em: 11 jun. 2019.

ASSIS, Santo de. **A importância do professor de história realizar a sua dinâmica no ensino fundamental contando histórias**. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/3495520>. Acesso em: 11 jun. 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BERNARDO, Vivian de Farias. **A importância da literatura infantil na construção do leitor-autor**. Orientador: Mary Sue. 2010.

Monografia (Especialização em Educação Infantil e Desenvolvimento)-
Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:
http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t205679.pdf.
Acesso em: 10 jun. 2019.

BORDINI, Maria da Glória. Poesia e sensibilidade infantil. **Revista Tigre Albino**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2009.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. Mediação da leitura para leitores-ouvintes. **Perspectivas em Ciência da Informação** v. 19, n. 1, jan/mar., 2014, p. 207-226. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1537/1253>. Acesso em 13 jun.2019.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. O mediador de leitura. **Revista Eletrônica Infohome**, jun., 2007. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302. Acesso em: 29 de nov. 2018.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar Histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2007.

BUSATTO, Cléo. **Contar & Encantar: pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CAMARGO, Luiz. **A poesia infantil no Brasil**. Palestra apresentada no LAIS – Instituto Latino-americano da Universidade de Estocolmo, 1999. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>. Acesso em: 30 dez. 2009.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, s.d.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil para crianças**. São Paulo: Global, 2003.

DEBUS, Eliane. **Festa de brincança: a leitura literária na educação infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

DURO, Yvette. Zietlow. Dimensão atual da biblioteca infanto-juvenil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 12, n. 3/4, jul./dez., 1979, p. 211-222.

FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com arte e ensinar brincando**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

FIGUEIRA, Emílio. **Ser autor: uma jornada de vários caminhos**. São Paulo: Figueira Digital, 2016.

GARCIA, Dalva Aparecida. **O universo infantil: a importância do lúdico**. S.d. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/o-universo-infantil-a-literatura-e-as-novelas-filosoficas/3729>. Acesso em: 11 jun. 2019.

GOUVEIA, Margarida Maia. Cecília Meireles: um percurso de espiritualidade. **Atlântida**, v. XLVI, 2001, p. 187-194.

IFLA. **Diretrizes da IFLA sobre os serviços da biblioteca pública**. Lisboa: IFLA, 2013. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>. Acesso em: 10 jun. 2019.

IFLA. **Diretrizes para serviços de bibliotecas para crianças**. Paris: IFLA, 2001. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s10/pubs/ChildrensGuidelines-pt.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DLC, 2004.

MAINARDES, Rita de Cássia Milléo. **A arte de contar histórias: uma estratégia para a formação de leitores**. S.d. Disponível em: <http://www>.

diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf. Acesso em: 11 jun. 2019.

MARIUCI, Sandra. **Literatura infanto juvenil**. S.d. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/61862925/apostila-literatura-infantil-2019>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MEGALE, Nilza B. **Folclore Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MELO, Maurizete Pessoa de; NEVES, Dulce Amélia de Britto. A importância da Biblioteca Infantil. **Biblioonline**, v. 1, n. 2, 2005, p.1-8. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/584/422>. Acesso em: 15 de ago. 2018.

MESQUITA, Armindo Teixeira. A leitura: um passaporte para a vida. *Álabe*, n. 3, jun., 2011. Disponível em: [Dialnet-ALeituraUmPassaporteParaAVida-4035559.pdf](http://www.dialnet-aleitura.com/teParaAVida-4035559.pdf). Acesso em: 10 jun. 2019.

MIRANDA, Bionathi Borges Dias de. **A minissérie televisiva de Luiz Fernando Carvalho estudo de caso: Hoje é dia de Maria**. Orientadora Leda Tenório da Motta. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp147481.pdf>. Aceso em: 11 jun. 2019.

NUNES, Neudiran Gonçalves. **A poesia de Cecília Meireles**. 2012. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-poesia-de-cecilia-meireles/102067>. Acesso em: 11 jun. 2019.

PIMENTA, Jussara Santos. **“Pavilhão Mourisco”**: biblioteca e educação em Cecília Meireles. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02_01.pdf. Acesso em: 13 jun. 2019.

PINHEIRO, Maria Inês da Silva; SACHETTI, Vana Fátima Preza. **Classificação em cores**: uma alternativa para bibliotecas infantis. Disponível em: <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/>

ebooks/388900.pdf. Acesso em: 19 jun. 2019.

RASTELI, Alessandro. **Mediação de leitura em bibliotecas públicas**. Orientadora: Lídia Eugênia Cavalcante. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.

ROMERO, Sílvio. **Contos etiológicos**. S.d. Disponível em: <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/p40-etio.html>. Acesso em: 11 jun. 2019.

ROMERO, Sílvio; CASCUDO, Luís da Câmara. **Conto popular**. s.d. Disponível em: <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/p00-contos.html>. Acesso em: 11 jun. 2019.

SENNA, Anna; BARBOSA, M. de F. S.O; SOUZA, Thaianie Almeida. Biblioteca Infantil como lugar de encantamento. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan/jun, 2017.

SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 7, jan./dez., 1996, p. 9-30.

SOUZA, Lígia Maria Silva e; DUPAS, Maria Angélica. Ler é prazer: os projetos de incentivo à leitura da Biblioteca Comunitária da UFSCar. São Carlos, s.d. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?url=http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/poster019.doc&rct=j&frm=1&q=&esrc=s&sa=U&ved=0ahUKEwi7i9SMhuDiAhX9GrkGHQyNAeoQFggUMAA&usg=AOvVaw2qWiEEmHLD9A2vCxp3n0Vp>. Acesso em: 10 jun. 2019.

IMAGENS DIVERSAS DA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL DE SERGIPE



GIBITECA















infographics

gráfica & editora

Av. Edézio Vieira de Melo, 480
Bairro Suissa
49052-240 - Aracaju/SE
Tels.: (79) 3302-5285 / 99628-9303
atendimento@infographics.com.br
www.infographics.com.br

Formato	150mm x 210mm
Fonte	Minion Pro 12 Felix Titling 14
Papel miolo	Offset Paperfect 75g
Papel capa	Supremo Duo Suzano 300g
Número de páginas	108
Impresso em	Aracaju, julho de 2019



 <p>infographics grafica & editoria</p>	<p>ISBN 978-85-9476-197-2</p>  <p>9 788594 761972</p>
---	--